

Mitologia Aberta

REVISTA DE LIVRES PENSADORES MITOLÓGICOS

Nº XI - MAIO/2022



SUMÁRIO



- 03 APRESENTAÇÃO EDITORIAL;
- 06 ILUSTRES ILUSTRADORES;
- 09 PRÓLOGO DOS ARTIGOS;
- 10 ARTIGO 1: VISHNU: A REALIDADE SUPREMA
- 13 ARTIGO 02: HEVAJRA: INTEGRAÇÃO DOS OPOSTOS E TRANSCENDÊNCIA
- 19 ARTIGO 03: EPOPEIA DE GILGAMESH
- 25 ARTIGO 04: MITOS DO FEMININO: RELENDO SIMONE DE BEAUVOIR
- 30 ARTIGO 05: A LEVEZA AÉREA DA MULHER DIVINA
- 35 BIBLIOTECA DE THOTH;
- 36 VITROLA DE ORFEU;
- 45 HISTÓRIAS DA VÓ TIANA;
- 46 ARQUIVOS DE LOKI;
- 57 A NONA ÁRVORE;
- 69 ACADEMIA DE QUÍRON;
- 77 PANTEÃO DE COLABORADORES;
- 84 AGRADECIMENTOS.

APRESENTAÇÃO EDITORIAL



Chegamos agora à 11ª edição da nossa revista! Lembrando que o número 11 representa o 1 + 1, a busca pelo equilíbrio perfeito, além de ser um número ligado à intuição.

Para a capa desta edição, tivemos um artista incrível, que seguiu sua intuição e trouxe desta vez, não uma ilustração, mas duas (1+1): Vishnu, o deus mantenedor do equilíbrio do universo pela mitologia hindu e uma ilustração sobre a busca do equilíbrio universal pela junção dos opostos, o Hevajra.

E falando em equilíbrio, gostaríamos de deixar um agradecimento especial aos nossos leitores, pois são vocês que são a chave fundamental que nos faz abrir cada porta deste fantástico mundo do conhecimento! Assim, o ciclo de produção desta revista fica garantido e completo, do começo ao fim!

Como sempre, temos artigos incríveis. Na Biblioteca de Thoth, temos uma dica maravilhosa de mitologia celta; A Vitrola de Orfeu traz mais duas bandas mágicas para conhecermos. Nos Arquivos de Loki, trouxemos mais uma saga única; A Nona Árvore apresenta, desta vez, um galho especialíssimo falando sobre a morte na mitologia grega. Nas Histórias da Vó Tiana, mais uma história incrível será contada; E na Academia de Quíron, mais eventos fantásticos estão esperando por vocês!

Nossas lives foram retomadas em grande estilo, então, nosso Canal do Youtube tem novidades maravilhosas pela frente. Não deixem de acompanhar!

Preparem-se para mais esta incrível viagem ao mundo dos mitos!



Larissa Dias

Sou Larissa Dias, uma apaixonada pela Mitologia!
A Revista Eletrônica Mitologia Aberta surgiu com três principais objetivos: Divulgação, Colaboração e Paixão!

GUIA DE SEÇÕES

ILUSTRES ILUSTRADORES



Para saber um pouco mais sobre os artistas que dão vida às nossas divindades por meio de incríveis ilustrações.

ARTIGOS



Um grande banquete onde todos os deuses se encontram para partilhar conhecimento.

BIBLIOTECA DE THOTH



Thoth é o deus da sabedoria da mitologia egípcia e nesta seção vasculharemos em sua biblioteca dicas preciosas de livros de mitologia!

VITROLA DE ORFEU



Orfeu é o deus da música da mitologia grega e aqui teremos acesso à sua amada vitrola, repleta de mitologia musical!

HISTÓRIAS DA VÓ TIANA



Quem nunca teve um familiar que lhe contasse histórias? Minha avó Sebastiana era mineira e sempre me contava histórias. Aqui, estarão essas histórias, que fazem parte da mitologia familiar brasileira!

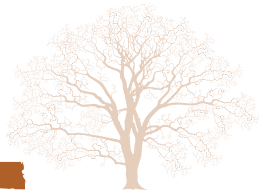
GUIA DE SEÇÕES

ARQUIVOS DE LOKI



Loki é o deus das trapaças na mitologia nórdica e com ele, tudo era fictício. Assim, muitos mitos se desenvolveram sobre as ficções criadas por ele. Por isso, nesses arquivos estarão algumas obras de ficção que foram baseadas na mitologia.

A NONA ÁRVORE



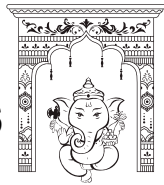
A Nona Árvore é uma seção especial para publicações de HQs mitológicas.

ACADEMIA DE QUÍRON



Quíron era um centauro da mitologia grega, que treinava os heróis! Então, nesta seção poderemos encontrar cursos, palestras e eventos de mitologia para quem queira se aprofundar neste tema encantador!

PANTEÃO DE COLABORADORES



Para saber um pouco mais sobre todos os incríveis colaboradores que criam cada uma de nossas sessões!

ILUSTRES ILUSTRADORES

🗨️ Piero Bagnariol nasceu na Itália e veio para o Brasil com vinte anos, em 1992. Quadrinista e grafiteiro, é um dos fundadores da revista Grafitti 76% quadrinhos, que edita desde 1995, e autor do álbum "Um dia uma morte", com roteiro de Fabiano Barroso, e "Guia ilustrado de graffiti e quadrinhos", com outros colaboradores.

Em parceria com seu pai, o médico Giuseppe Bagnariol, grande conhecedor "d'A Divina Comédia", abraçou o desafio de transpor a obra de Dante Alighieri para os quadrinhos, publicada em 2011 pela coleção Clássicos em HQ da editora Peirópolis.

Posteriormente, com Tereza Virgínia Barbosa, lançou-se na tradução por imagens diretamente do grego de obras clássicas, como a "Odisseia", de Homero e "Orestes", de Eurípedes (408 a.C), que saíram na mesma coleção, sendo Orestes sua publicação mais recente. Pela mesma editora, também publicou "Anos Velados", biofantasia em quadrinhos sobre a primeira fase da vida de Helena Petrovna Blavatsky (1831-1891) e que já tem continuação prevista. ”



Piero Bagnariol
Instagram: @piero3.14



"Vishnu",
Arte que ilustra a capa desta
edição

ILUSTRES ILUSTRADORES

Piero já esteve na nossa revista, na sessão "Arquivos de Loki", com sua HQ "Blavatsky - Anos Velados". Ele também já publicou outras HQs sobre mitologia, incluindo uma versão interessantíssima de "Tupac Amaru", que conta a história de um guerreiro Inca, que possui o mesmo nome da serpente mitológica.

Quando o convidamos para fazer uma capa para a Mitologia Aberta, ele nos surpreendeu com duas incríveis artes:

A primeira traz o deus hindu Vishnu com sua consorte Lakshmi, uma belíssima representação do amor, que inclui também a montaria de Vishnu, o pássaro mitológico Garuda;

A segunda, uma arte exuberante sobre o Hevajra, esse ser surpreendente, que carrega o espírito da união mística e sagrada.

Piero tem diversas formas de exalar a mitologia em suas artes e inúmeras novidades a caminho! Acompanhem o seu trabalho nas redes sociais, pois é sempre uma aventura!



"Hevajra",
Arte que ilustra o segundo artigo
desta edição e a contracapa

PARA ADQUIRIR AS OBRAS DO AUTOR:

<https://www.editorapeiropolis.com.br/biografia/?autor=392&nome=Piero+Bagnariol>

ILUSTRES ILUSTRADORES

Carmelina de Toledo Piza é mestra em educação, com especialização em psicopedagogia, arteterapia e mitologia.

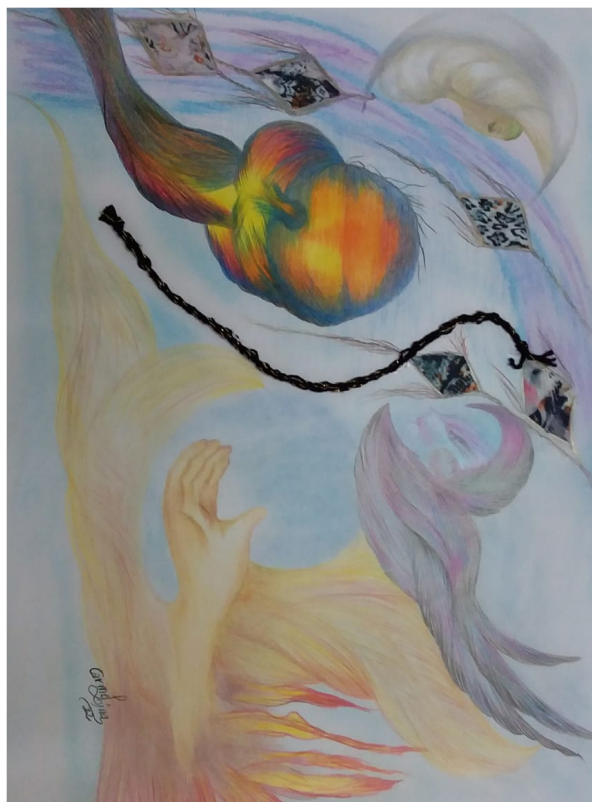
Conta com vários livros publicados, sendo dois infantis e oito para adultos. O seu livro mais recente é "Constelação das Deusas e das Mandalas", um livro para você pintar e descobrir a sua Deusa. Um livro para você ler poemas livres com as mandalas... Um livro para você!

Além disso, Carmelina é portadora de uma voz única, uma voz que já deu vida à inúmeras histórias que ela conta durante toda a sua vida, enchendo de luz o caminho de todos que encontra na sua trajetória de uma verdadeira Contadora de Histórias.

Para ver mais visite seu perfil no Facebook:
www.facebook.com/carmelinaescritora



Carmelina Toledo Piza
Tel: (19) 9145-6656



"A Mulher e o Ar",
Arte que ilustra o quinto artigo
desta edição.

PRÓLOGO DOS ARTIGOS



A revista Mitologia Aberta está na sua décima primeira edição e, mais uma vez, carregada de mitologia! A união sagrada, bem ilustrada na capa, representa também o amor de todos que colaboram para que a Revista possa existir!

O primeiro artigo desta edição aborda o tema da mitologia hindu de Vishnu e sua consorte. A autora apresenta de forma brilhante como acontece essa dança apaixonante!

Tive a honra de escrever o segundo artigo e trazer o significado simbólico da figura maravilhosa do Hevajra, que existe em diversas culturas, e é ligado ao Tantra, abordando a união mística que leva à transcendência.

O terceiro artigo apresenta a primeira epopeia da humanidade: Gilgamesh! O autor nos presenteia com a essência desta joia rara da mitologia da Suméria.

O quarto artigo traz de forma muito inteligente uma releitura do legado de Simone de Beauvoir, relacionado aos mitos do feminino com o caminho do equilíbrio.

Já o quinto artigo também aborda os mitos do feminino, mas a autora, desta vez, fala sobre as deusas do ar e sua relação com a leveza da vida e com a psicologia analítica, encerrando assim o ciclo das deusas dos quatro elementos.

Agora, uma curiosidade: esta é a primeira vez que teremos dois artigos de mitologia hindu numa mesma edição, sendo que nas 10 edições anteriores o tema havia aparecido apenas uma vez!

Se preparem para mais uma viagem ao mundo fantástico dos mitos, uma viagem feita para enxergar inúmeros caminhos para a nossa vida, pois é isso que é a mitologia: um mundo de possibilidades futuras escondidas em entrelinhas antigas.

Boa leitura!
Larissa Dias

VISHNU

A REALIDADE SUPREMA

POR ANDREIA PRIOR

A suprema realidade para os hindus, a energia que preserva e sustenta todas as coisas e seres do mundo, é representada pelo casal divino Vishnu e Lakshimi, revelado na linda imagem feita especialmente para essa edição.

Tradicionalmente, o casal é apresentado em pinturas, desenhos ou estátuas com quatro braços, que simbolizam as quatro direções e indicam que a divindade é onipresente e onipotente. Dois desses braços indicam sua atividade no mundo visível, físico, e os outros dois no mundo invisível ou espiritual.

A concha ou *shankar* na mão esquerda superior indica que Vishnu comunica com seus devotos por meio do amor e compreensão. Quando ele faz soar a concha, ele lembra a esses mesmos devotos para viverem no mundo com delicadeza e compaixão a todos os seres. O *shankar* possui em seu interior essa espiral infinita, um som que pervade toda a atmosfera e,

assim, é atribuída ao deus preservador.

O *chakra* em sua mão direita superior indica a proteção de seus devotos contra o mal. O disco cósmico, no topo de seu dedo que aponta os céus está lá, perfeitamente equilibrado. No *Mahabharata*, épico hindu, o disco de Vishnu se refere a um nome que depois passou para a tradição budista; *dharma-chakra*, a suprema lei da existência que indica que toda a vida é apenas uma, toda a vastidão do universo é mantida coesa por essa unidade.

A maça - *gada* - denota força e indica a sustentação do mundo manifesto com a energia que essa divindade tem em si mesma, a potência que mantém todas as coisas. Essa mesma força está dentro de nós mesmos, eis que Vishnu, o todo atrativo, é também chamado o que pervade tudo.

A quarta mão, em posição de bênção ou segurando uma flor de lótus, distribui graças a seus devotos.

A lótus também aparece em Lakshimi, às vezes segurando uma em suas mãos, muitas vezes instalada nela. Essa flor oriental nos faz recordar do caminho de origem, no lodo, a passagem pela água, elemento de transformação, e suas pétalas abrindo-se para o sol, para a luz. Por isso tantas vezes é considerada um símbolo de espiritualidade. A deusa-consorte normalmente é apresentada vestindo-se com vermelho e dourado, cores auspiciosas para aquela que é epíteto da beleza, saúde e fortuna.

A outra mão estende-se com os dedos voltados para o solo, e de sua palma escorrem moedas de ouro, sem fim, para lembrar aos devotos da prosperidade inerente aos mundos. "*Há riqueza no mundo suficiente para todas as pessoas, mas não para sua ambição*", já dizia o mahatma Gandhi.

A cor azul escura ao fundo da imagem do casal sugere o infinito, o oceano cósmico. Aqui vale um parêntesis para falar sobre esse oceano...

Narayana, outro nome de Vishnu, é o dorme no oceano de leite. Essa imagem é muito significativa. Esse oceano não tem praias. Ele é feito de leite, e esse leite é estável, sem ondas. Todas as coisas emergem dali

quando *Narayana* acorda, assim como a manteiga pode ser criada a partir da vigorosa *bateção* do leite. Muito antes, quando houve esse episódio, o que estava escondido no fundo desse oceano veio à superfície. Lakshimi inclusive, deusa que Vishnu se encantou e esposou.

A serpente de mil cabeças na qual *Narayana* está repousando é *Ananta Sesa*, a que permanece quando tudo o mais é destruído. A seus pés, sua consorte Lakshimi, a deusa da prosperidade. Ela nutre a humanidade. Nesse sentido, é também chamada de *Go-mata*, a vaca cósmica que contém todos os mundos nela mesma. Assim, quando acorda, *Narayana* é chamado de *Gopala*, o mantenedor, o vaqueiro. A vaca é o mundo e toda vez que o mundo se encontra em perigo, *Narayana* corre em seu auxílio...

Ao mesmo tempo, os hindus acreditam que somos o sonho desse deus adormecido... Lakshimi faz massagem em seus pés, e se os pés estão assim bem massageados, ela garante um tranquilo sono ao deus, e, portanto, estamos salvos dos cataclismas que um pesadelo possa causar a essa divindade e a toda a existência...

Mas voltemos à imagem inicial:

Os deuses e deusas hindus são comumente mostrados em suas respectivas montarias, Saraswati com

seu cisne, Shiva com Nandi, o touro, Vishnu com Garuda, a ave mítica. Esses "veículos" inusitados tem histórias lendárias eles mesmos.

Garuda nasceu do segundo ovo de Vinata, e demorou mil anos para nascer. Ao sair da casca, se pôs a sorver a luz do sol. Alguns minutos depois já era um gigante. Observou ao seu redor e percebeu que sua mãe Vinata era uma escrava, enquanto sua tia Kadru se refastelava no ócio. Para libertá-la da escravidão, Garuda teve que trazer uma taça de *amrita* - a bebida da imortalidade - para ela e suas mil filhas-serpente. Mas por uma artimanha do deus Indra, a bebida foi levada embora. As serpentes, ainda assim, lamberam o local onde ela estava, um ninho de palha, e por isso tiveram sua língua dividida em dois.

A menção dessa história ocorre no Ramayana, épico hindu milenar, considerado o mais antigo da humanidade, e certamente, o mais antigo da Índia.

Essa vida é uma de muitas que nós supostamente viveremos. Esse mundo é um dos muitos mundos que foram criados e que num momento não estará mais.

Toda vez que possessividade, inquietação, insegurança e inveja ameaçam o mundo, Vishnu inicia sua ação, colocando as coisas nos eixos.

Garuda, sua montaria divina, o leva ao ponto de conflito.

Águias e serpentes são inimigos naturais. Não é possível para uma serpente ficar imóvel na presença de uma ave de rapina. Assim Garuda instiga o mundo ao movimento.

A associação de Vishnu tanto com a serpente quanto com a águia - a imóvel Sesha e o voador Garuda - representa a consciência em ambos estados; na vigília e no sono.

Quiçá possamos aprender com isso, elevando nossa consciência divina aos ares com Garuda, ao mesmo tempo que nos deixamos nutrir por Sesha em suas ondas cósmicas vibrantes!

REFERÊNCIAS

- 1000 NAMES OF VISHNU - EKNATH EASWARAN
- THE HINDU MIND - FUNDAMENTALS OF HINDU RELIGION AND PHILOSOPHY FOR ALL AGES - BANSI PANDIT



HEVAJRA INTEGRAÇÃO DOS OPOSTOS E TRANSCENDÊNCIA

POR LARISSA DIAS

Figura enigmática, o Hevajra está ligado ao Tantra, que conforme Dias (2018) é uma prática espiritual que busca transmutar os desejos e as paixões mundanas, com o objetivo de libertar a consciência humana de todos os condicionamentos psicológicos, livrando-a dos apegos do mundo dos sentidos e da instabilidade mental. Esta prática existe em algumas tradições da Índia, Tibet, Camboja, Tailândia e Mongólia e que, por isso mesmo, expressa inúmeros significados. Neste artigo, vamos focar na conexão entre os opostos, justamente para não correremos o risco de profanar um tão complexo e elaborado símbolo.

A imagem do Hevajra mostra duas divindades unidas, uma masculina e outra feminina, em completa interconexão física, psíquica, sexual e espiritual, criando as condições necessárias

para que a vida possa existir. Ela evoca a sacralidade e o caminho da evolução espiritual, baseada no visceral contato com aquilo que pertence ao mundo. Além disso, tem dezesseis braços (mas podem variar em número) e inúmeras cabeças e dança sobre uma flor de lótus, tendo sobre os pés os quatro *Māra*, que representam as tentações pelas quais Buda passou no seu processo de iluminação.

O conhecimento popular do ocidente, temerosamente, associou em algumas vertentes a imagem do tantrismo como uma via fácil para a prática sexual deliberada, do mesmo modo que apresenta a imagem do guru como um charlatão. Mas o fato é que esta interpretação “linear” ocidental, como diria o grande mitólogo hindu Devdutt Pattanaik (2000), não permite enxergar todas as nuances

“circulares” existentes na mitologia hindu, onde a prática sexual é apenas uma pequena parte de toda a sua riquíssima filosofia, assim como no tantrismo, que inclui meditação, práticas rituais e visualizações. Para falar sobre o Tantra, é importante começar pela frase do Kularnava Tantra (2012): *“Quando caímos no chão, é com o auxílio do chão que levantamos”*.

Para compreendermos essa citação, é importante lembrarmos que existem diversas práticas espirituais que orientam seus praticantes para se afastarem das tentações. Isso ocorre comumente nas religiões monoteístas - onde há apenas uma divindade principal que rege o bem e a ordem - mas também pode ocorrer em religiões politeístas - com mais de uma divindade atuante. No próprio Tantra existem cinco coisas proibidas: vinho, carne, peixe, grãos tostados e ato sexual (Zimmer, 2012). Porém estar exposto de modo sacramental a estas cinco práticas através do Tantra não traz libertinagem, violação de regras ou divertimento, mas busca um estado de êxtase sem a participação perversa do ego. Busca uma transcendência do estado comum para o estado não-dualista e, portanto, integrado com o divino.

O mesmo autor traz um trecho mais

elucidativo desta questão:

“(...) O Verdadeiro amante da Deusa não deseja buscar a liberação nem tampouco obtê-la. Pois de que serve a salvação se ela significa absorção? “Gosto de comer açúcar” – como diz Rāmprasād – “mas não quero, de modo algum, tornar-me açúcar”. Que procurem a liberação aqueles que sofrem com as contingências do samsara [1]: o devoto perfeito não sofre, pois ele experimenta a vida e o Universo como revelação daquela suprema Força Divina (sákti) da qual está enamorado, o Ser Divino que a tudo abarca em seu aspecto cósmico do jogo (lilā) sem finalidade, que precipita tanto a dor quanto a alegria, mas que em sua bem aventurança, transcende ambos. Ele está repleto da loucura sagrada desse “amor extático” (preman) que transmuta o Universo”. (ZIMMER, 2012, p. 406).

Assim, a busca pela transcendência é o caminho puro e sagrado, que envolve todas as coisas. Ainda nesta linha, Campbell (1994, p.385), tece o seguinte comentário sobre a figura do Hevajra:

“A sabedoria judiciosa que distingue entre os aspectos efêmeros e essenciais da experiência é a energia ativa temporalmente operante (shakti) da Perfeição da Sabedoria e está aqui personificada como a fulgurante e

abrasadora “Dama do Raio da União Espiritual”, Vajra-Yogini, em seu fervor pelo “Senhor ou Rei” (Raja) da “Abrangente e Envolvente” (samvara) “Roda ou Ciclo” (chakra) do tempo e do espaço. E ele, a personificação da consciência-de-Buda se deleitando em suas próprias reflexões espelhadas nos ciclos, retribui o ardor de sua presença a se espargir totalmente (...).”

O hinduísmo entende que existe uma única energia chamada Brahman (não confundir com a divindade criadora Brahma), de onde todas as coisas surgiram. Esta energia participa misticamente de um envólucro sagrado com sákti/shákti, a energia da grande mãe. Representativamente, a tríade masculina e principal hindu (Brahma, Vishnu e Shiva) tem seu lado feminino em suas consortes inseparáveis (Saraswati, Lakshmi e Parvati).

Em seu livro *A Conquista Psicológica do Mal*, Zimmer (1988, p. 190) traz no capítulo “Quatro episódios do romance da deusa - A Morte Involuntária” um trecho que trata da relação amorosa e sexual entre Shiva e Sati (Parvati). Em uma belíssima descrição, mostra como é possível compreender o amor e o sexo de forma sagrada e pura nesta interconexão profunda:

“(..) Com suas artes mágicas tornou-se

invisível (Shiva), assustando-a subitamente com um abraço, mantendo-a, pelo temor, aturdida e excitada (Sati). Colocou-lhe uma pincelada de almíscar sobre os seios de lótus, dando-lhe a forma de uma abelha em libação. Ergueu-lhe os colares e arranjou-os de outra maneira, somente para tocar sua maciez de lótus (...).”

Os textos da mitologia hindu tem inúmeras representações que trazem a temática da união sagrada, o *hierogamos*, que é o casamento do deus com a deusa. Essas práticas existem para que o universo possa ser criado e recriado e para que o ciclo de existência se perpetue e jamais finde. Essa dança sagrada, que ocorre em diversas mitologias, carrega um forte conteúdo de êxtase criativo representado por personagens e divindades como as Bacantes de Dionísio, a deusa egípcia Bastet, as sagradas sacerdotisas do templo de Ishtar, a destrutiva deusa Kali e inúmeras outras. Esta imagem é tão importante que, em seu livro que fala sobre as Deusas da Índia, Pattanaik (2000) traz um capítulo completo que versa sobre as ninfas dançarinas que transcendem o círculo da criação através do êxtase divino.

Zimmer (2002) também cita um relevo begali, onde o deus e a deusa

estão em completa união, fitando-se em intensa emoção, mostrando um desdobramento do absoluto nestas duas polaridades da vida, capazes de fundirem-se novamente para se recriarem. Os épicos hindus trazem em diversos momentos esta separação, a exemplo do Ramayana, uma jornada heróica na qual Rama parte em busca de sua amada, raptada por um demônio.

A união dos opostos se torna fundamental em um mundo que necessita de equilíbrio. Tudo que se separou um dia teve a mesma origem e, portanto, pode ser novamente integrado. Se pensarmos nos opostos existentes no nosso microcosmo psíquico, por exemplo, vamos encontrar nossa luz e nossa sombra, que de modo muito simplista e até equivocado, chamamos de “bem e mal”. Mas o fato é que, como sabiamente é demonstrado no símbolo chinês do Yin e Yang, todo lado claro tem sua parte escura, assim como todo lado escuro tem sua parte clara. As polaridades, enquanto separadas, são muitas vezes incompreensíveis e, estando desintegradas, permanecem perigosas. O contato que Hevajra demonstra como divindade, traz para nós humanos, de forma simbólica, a necessidade de conhecer, nos aproxi-

mar, temer, vencer o medo, para assim integrar em nós todas as nossas piores partes, assim como as melhores. Somente assim, será possível repousar em um estado de completa calma e não conflito, como o nirvana. A iluminação espiritual não tem a ver somente com buscar a luz, mas também, com enxergar, aceitar e acolher, todas as nossas sombras.

É muito comum a prática meditativa baseada nas artes hindus transcendentais, como esta belíssima representação de Hevajra. Depois de ler este artigo, convidamos o leitor a meditar sobre quais lados seus necessitam desta integração, olhando por um certo tempo para esta arte, criada pelo autor especialmente para nós, da Revista Mitologia Aberta. Assim, simbolicamente, também o convidamos a imaginar como é se integrar de forma consciente a este estado de Hevajra.

NOTAS

[1] Samsara: fluxo incessante dos ciclos de renascimentos através dos mundos.

REFERÊNCIAS

- CAMPBELL, J. A Imagem Mítica. São Paulo: Papirus Editora, 1994.
- DIAS, R. P. P. Budismo Tântrico: Sexualidade e Espiritualidade. João Pessoa: UFPB, 2018. Tese de Doutorado. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/15882/1/Arquivototal.pdf>>. Acesso em 20/03/2022.
- KULĀRṆAVA TANTRAM. Tradução Sir John Woodroffe, et. al. Rio de Janeiro: Karen de Witt, 2012. Disponível em: <https://www.shri-yoga-devi.org/_files/ugd/cac792_eb9a32c30c354f31a9a155f985528801.pdf> Acesso em 20/03/2022.
- PATTANAIK, D. The Goddess in India: the five faces of divine feminine. Vermont: Inner Traditions International, 2000.
- ZIMMER, H. A Conquista Psicológica do Mal. São Paulo: Palas Athenas, 1988.
- ZIMMER, H. Filosofias da Índia. 5^o ed. São Paulo: Palas Athenas, 2012.
- ZIMMER, H. Mitos e Símbolos na Arte e na Civilização da Índia. 3^a ed. São Paulo: Palas Athenas, 2002.



EPOPEIA DE GILGAMESH

POR VITOR FILIPPO

A Epopeia de *Gilgamesh* é certamente a peça mais célebre de toda a tradição literária babilônica. Encontrada na biblioteca do Rei Assírio *Assurbanipal* (668 – 627 a. C.), foi escrita originalmente em doze tábuas de seis colunas; cada tábua continha aproximadamente trezentos versos. A Tábua XI é a mais completa e mais bem preservada de todas, com trezentas linhas. Ela descreve o dilúvio.

Na opinião de Jean Bottéro, essa obra “é também, pelo estilo e pelo pensamento, uma composição admirável, uma daquelas obras literárias arcaicas que, por seu porte, pela amplitude de sua visão e por seu fôlego, merecem ser conhecidas.” (Bottéro, 2011, p. 58). Samuel Kramer a define de maneira mais complexa ainda; “O drama da Epopeia de *Gilgamesh* transcende os limites do tempo e do espaço. Mesmo o leitor de hoje é movido pela varredura universal

da sua ação, o poder elemental desta tragédia”. (Kramer, 1981, p. 183).

O desenrolar da história é a busca do herói, Gilgamesh, pela imortalidade. Vendo a morte de seu amigo Enkidu, Gilgamesh percebe como o ser chamado homem é frágil e a todo custo busca a tão desejada imortalidade. É nesse contexto que o clímax da história se manifesta, Gilgamesh se encontra com o único homem que conseguiu alcançar o estágio de imortal, *Utnapishtim*; “*Utnapishtim: a quem os deuses acolheram após o dilúvio e instalaram na terra de Dilmun, no jardim do sol; e somente a ele, entre todos os homens, os deuses concederam a vida eterna.*” (Epopeia de *Gilgamesh*, 2011, p. 143).

O mito de *Gilgamesh* se inicia da seguinte maneira:

“Proclamarei ao mundo os feitos de *Gilgamesh*. Eis o homem para quem todas as coisas eram conhecidas; eis o rei que percorreu as nações do mundo.” (Epopeia de *Gilgamesh*, 2011, p. 95).

“Quando os deuses criaram Gilgamesh, deram-lhe um corpo perfeito. Shamash, o glorioso sol, dotou-o de grande beleza; Adad, o Deus da Tempestade, deu-lhe coragem; os grandes Deuses tornaram sua beleza perfeita, superior à de todos os outros seres, terrível como um enorme touro selvagem. Eles o fizeram dois terços deus e um terço homem.” (Epopéia de Gilgamesh, 2011, p. 95).

Gilgamesh fora Rei de Uruk, não encontrou adversários a altura. Sua arrogância não conhecia limites. Não havia pai a quem tenha sobrado um filho, pois Gilgamesh os levara todos. Sua luxúria não poupou uma só virgem para seu amado.

Os Deuses escutaram o lamento do povo; *“os deuses gritaram para Aruru, a Deusa da Criação: ‘Vós o fizeste, oh, Aruru, criai agora um outro igual. Que eles se enfrentem e deixem Uruk em paz’”.* (Epopéia de Gilgamesh, 2011, p. 98). Ela mergulhou as mãos na água e tomou um pedaço de barro; e assim foi criado o nobre Enkidu.

Enkidu era inocente a respeito do homem, ele comia grama nas colinas junto com as gazelas e vivia com os animais da floresta. No entanto, um encontro com um caçador alterou a sua forma de vida para sempre. Este caçador, que um dia se intimidou com a presença do feroz Enkidu, e após

aconselhar-se com seu pai e com o Rei Gilgamesh, retorna para a floresta com uma rameira.

“Gilgamesh disse: ‘Caçador, volta, leva contigo uma rameira, uma filha do prazer. No poço ela se desnudará; ele a tomará em seus braços e os animais da selva certamente passarão a repudiá-lo’.” (Epopéia de Gilgamesh, 2011, p. 99).

Ao se encontrar, novamente, com Enkidu, o caçador adverte a rameira: *“Lá está ele. Agora, mulher, desnuda teus seios, não tenhas vergonhas”.* (Epopéia de Gilgamesh, 2011, p. 100).

Ela não teve pudores em tomá-lo em seus braços, ela se despiu e acolheu de bom grado Enkidu, os animais selvagens, ao vê-lo, punham-se em disparada; as criaturas fugiam quando ele se aproximava. *“Enkidu perdera sua força, pois agora tinha o conhecimento dentro de si, e os pensamentos do homem ocupavam seu coração.”* (Epopéia de Gilgamesh, 2011, p. 101).

Então, após a rameira ter lhe confessado a trama do Rei de Uruk, Enkidu empalideceu-se com as atitudes de Gilgamesh e decidiu ir até Uruk desafiá-lo. Ao caminho de Uruk, Enkidu passou a utilizar roupas, as pessoas ofereceram pães e vinhos, que Enkidu se alimentou para o combate. Ao chegar à cidade de Uruk, os dois, o Rei e o Selvagem, entraram

em combate. Eles se engalfinharam como touros, entretanto, a vitória veio a Gilgamesh.

“Após a queda, Enkidu disse a Gilgamesh: ‘Não há ninguém como tu no mundo. Ninsun, que tem a força de um boi selvagem no estábulo, foi quem te deu à luz, e agora estás acima de todos os homens. Enlil te deu a coroa, pois tua força ultrapassa a força dos homens’. Enkidu e Gilgamesh então se abraçaram, e assim foi selada sua amizade.” (Epopéia de Gilgamesh, 2011, p. 106).

Após terem feito as pazes, Gilgamesh e Enkidu começaram a sentir fracos, como se estivessem perdendo suas forças, o ócio os dominavam, foi então que Gilgamesh disse a seu servo, Enkidu:

“Sobre as lápides ainda não deixei impresso o meu nome, como decretou o destino; irei então à terra onde são abatidos os cedros. No lugar onde estão inscritos os nomes de homens ilustres... Pois é lá que mora o feroz gigante Humbaba, cujo nome é ‘Enormidade’.” (Epopéia de Gilgamesh, 2011, p. 108).

Eles atravessaram sete montanhas antes de chegar ao portão da floresta de Humbaba. Depois de descerem a montanha, Gilgamesh tomou o machado em sua mão e abateu o cedro. Quando, à distância, Humbaba ouviu

o barulho, ficou furioso. Gilgamesh e Humbaba entraram em combate, após uma árdua batalha Humbaba fora derrotado, amarrado e imobilizado. Humbaba implorou por misericórdia, e que se tornaria servo de Gilgamesh. Contudo após ouvir o conselho de seu amigo Enkidu; *“Não ouças o que ele diz, Gilgamesh. Humbaba tem de morrer.” (Epopéia de Gilgamesh, 2011, p. 123).* Enlil gritou furioso: *“Por que fizestes isso? De agora em diante que o fogo castigue vossos rostos, que ele coma o pão que comeis, que beba a água que bebeis”.* (Epopéia de Gilgamesh, 2011, p. 125).

Após derrotar Humbaba, Gilgamesh e Enkidu retornaram à cidade de Uruk. A gloriosa Ishtar estava a sua espera e pediu para que Gilgamesh fosse teu marido. Após a recusa do Rei de Uruk, a Deusa do Amor, Ishtar, fica furiosa e recorreu ao seu pai, Anu, Deus do Céu. *“Anu entregou à Ishtar o Touro do Céu para que fosse conduzido pelo cabresto até Uruk”.* (Epopéia de Gilgamesh, 2011, p. 130).

Gilgamesh e Enkidu foram ao embate com o poderoso Touro do Céu. Os dois heróis sobrepujaram a criatura de Anu e ofereceram seu coração ao celestial Shamash.

Os Deuses ficaram furiosos com as atitudes de Gilgamesh e seu leal companheiro, Enkidu. Eles se reuni-

ram em conselho. E Anu disse a Enlil: *“Por terem matado o Touro do Céu e por terem morto Humbaba, que tomava conta da Montanha de Cedro, um dos dois tem de morrer”. O glorioso Shamash respondeu então ao herói Enlil: ‘Foi sob tuas ordens que eles mataram Humbaba e o Touro do Céu, será que Enkidu tem de morrer apesar de ser inocente?’ Enlil virou-se bruscamente para o glorioso Shamash e disse, em fúria: ‘Ousas dizer uma coisa dessas, tu que estavas sempre a acompanhá-los como se fosses um deles!’.* (Epopéia de Gilgamesh, 2011, p. 132 – 133).

Então os Deuses tomaram uma decisão: Enkidu teria que morrer!

Enkidu jazia enfermo, passou um dia inteiro no leito e seu sofrimento aumentou. Doze dias, e Enkidu continuava em seu leito de dor. Ele chamou Gilgamesh e disse: *“Feliz é aquele que morre lutando, pois eu morrerei na vergonha”.* (Epopéia de Gilgamesh, 2011, p. 138). *“Gilgamesh tocou o coração de Enkidu, mas ele já não batia; seus olhos também não tornariam a se abrir. Gilgamesh se lamentou; por sete dias e sete noites ele chorou por Enkidu”.* (Epopéia de Gilgamesh, 2011, p. 140).

Gilgamesh se desesperou com a morte de seu amigo. *“Por medo da*

morte farei o possível para encontrar Utnapishtim, a quem chama o Longínquo, pois ele se juntou à assembleia dos deuses”. (Epopéia de Gilgamesh, 2011, p. 143). Utnapishtim é aquele que os Deuses acolheram após o dilúvio e o instalaram na terra de Dilmun, os Deuses lhe concederam a vida eterna.

Depois de um longo caminho, finalmente Gilgamesh alcança as terras sagradas de Dilmun. Após receber auxílio de Urshanabi, *“eles subiram no barco, Gilgamesh e Urshanabi, e o lançaram sobre as ondas do Oceano”.* (Epopéia de Gilgamesh, 2011, p. 152). Assim, Urshanabi, o barqueiro, trouxe Gilgamesh até Utnapishtim, a quem chamam o Longínquo e que vive em Dilmun.

Ao encontrar Utnapishtim, Gilgamesh fica curioso em saber como ele se tornou o único homem a se tornar imortal. Logo, Utnapishtim decide lhe revelar a história do dilúvio.

A história do dilúvio se inicia da seguinte maneira: Enlil fora perturbado pelo tumulto dos homens, *“o alvoroço dos humanos é intolerável, e o sono já não é possível por causa da balbúrdia”.* (Epopéia de Gilgamesh, 2011, p. 157).

Assim, os Deuses resolveram exter-

minar a raça humana, porém Ea alertou Utnapishtim do que iria ocorrer, por meio de um sonho: *“Põe abaixo tua casa, eu te digo, e constrói um barco”*. (Epopéia de Gilgamesh, 2011, p. 158).

O barco ficara pronto no sétimo dia após a advertência de Ea, e com muita dificuldade fora lançada na água. *“Utnapishtim carregou o interior da nave com tudo o que tinha de ouro e de coisas vivas: sua família, seus parentes, os animais do campo (os domesticados e os selvagens) e todos os artesões”*. (Epopéia de Gilgamesh, 2011, p. 159). E no cair da noite, a tempestade conduziu a chuva.

“O temporal grassou devastadoramente; acumulando fúria à medida que avançava e desabando torrencialmente sobre as pessoas como os fluxos e refluxos de uma batalha. Até mesmo os deuses ficaram horrorizados com o dilúvio; eles fugiram para a parte mais alta do céu, ficaram encolhidos como covardes.” (Epopéia de Gilgamesh, 2011, p. 160).

“Por seis dias e seis noites os ventos sopraram; enxurradas, inundações e torrentes assolaram o mundo. Na alvorada do sétimo dia o temporal vindo do sul amainou, os mares se acalmaram, o dilúvio serenou.” (Epopéia de Gilgamesh, 2011, p. 161).

Utnapishtim decidira:

“soltar uma pomba e deixar que ela se fosse. Ela voou para longe, mas, não encontrando um lugar para pousar, retornou. Então soltou uma andorinha, que voou para longe; mas, não encontrando lugar para pousar retornou. Então soltara um corvo, a ave viu que as águas haviam abaixado e ela não mais voltou para o barco.” (Epopéia de Gilgamesh, 2011, p. 162).

Enlil ficou furioso quando viu o barco de Utnapishtim, o Deus do Ar se lançou em cólera contra os Deuses; *“Então Ea abriu a boca e falou para o guerreiro Enlil: ‘Herói Enlil, o mais sábio dos deuses, como pudeste tão insensatamente provocar este dilúvio? Não fui eu quem revelou o segredo dos deuses; o sábio soube dele através de um sonho.’ ”* (Epopéia de Gilgamesh, 2011, p. 162). Enlil decidira então subir ao barco de Utnapishtim e pegou o homem e sua mulher, dizendo: *“No passado, Utnapishtim era um homem mortal, doravante ele e sua mulher viverão longe, na foz dos rios”*. (Epopéia de Gilgamesh, 2011, p. 163). E foi assim que Utnapishtim se tornara imortal...

Gilgamesh se decepcionou com a história de Utnapishtim, pois ele percebeu que não alcançaria a imortalidade e, portanto, se preparou para partir.

Entretanto, Utnapishtim disse ao Rei de Uruk:

“Gilgamesh, eu te revelarei um segredo, é um mistério dos deuses que estou te revelando. Existe uma planta que cresce sob as águas; ela tem um espinho que espeta como o de uma rosa. Ela vai ferir tuas mãos, mas, se conseguires pegá-las, terás então em teu poder aquilo que restaura ao homem sua juventude perdida”. (Epopéia de Gilgamesh, 2011, p. 167 – 168).

Então o poderoso Gilgamesh tomou a planta para si e resolveu levá-la à Uruk, onde daria a planta aos anciões de sua cidade. Contudo, no retorno à sua cidade, ele encontrou um poço de água fresca e entrou para se banhar. Lá havia uma serpente; *“e a serpente sentiu o doce cheiro que emanava da flor. Ela saiu da água e arrebatou; e imediatamente trocou de pele e voltou para o fundo do poço. Gilgamesh então sentou-se e chorou”. (Epopéia de Gilgamesh, 2011, p. 169).*

O destino que Enlil profetizara se cumpriu; *“Gilgamesh, foi-te dado um trono, reinar era teu destino; a vida eterna não era teu destino”. (Epopéia de Gilgamesh, 2011, p. 170).* E logo após seu retorno à Uruk, o veemente Gilgamesh morreu. Gilgamesh, o filho de Ninsun, jaz em seu túmulo, um homem que não conheceu rival, mas

que também não encontrou a imortalidade.

REFERÊNCIAS

- ANÔNIMO, A Epopeia de Gilgamesh. São Paulo, Martins Fontes, 2011.
- BOTTÉRO, Jean. No começo eram os deuses. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2011.
- KRAMER, Samuel Noah. History begins at Sumer: Thirty-nine firsts in recorded history. University of Pennsylvania press; 1988.
- KRAMER, Samuel Noah. Sumerian mythology. University of Pennsylvania Press, 1997.

MITOS DO FEMININO: RELENDO SIMONE DE BEAUVOIR

POR ADRIANA GONÇALVES DE FREITAS

A filósofa francesa Simone de Beauvoir (1908 – 1986), em sua mais famosa obra filosófica “O Segundo Sexo”, editada pela primeira vez em 1949, afirma: *“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre macho e o castrado, que qualificam o feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro”* (BEAUVOIR, 2009, p. 361). Beauvoir nos apresenta a ideia que os modos de ser mulher e homem, na sociedade, parecem naturais, mas, na verdade são construídos histórica, social e culturalmente. Ou seja, existem padrões de comportamento

tidos como naturais e, que se espera que sejam seguidos por todos. A esses padrões, a filósofa denomina “Mitos do Feminino”, justamente por serem estereótipos que ditam as regras em relação ao comportamento social esperado de homens e mulheres. Por isso a afirmação que ninguém nasce mulher, mas aprende-se a ser.

Se pensarmos, no entanto, nos muitos mitos que as diferentes culturas nos apresentam e os analisarmos levando em conta a linha de raciocínio de Beauvoir, há de fato padrões de comportamento dentro dos mitos, ou, como bem aponta Jung em suas análises, os Arquétipos. Vamos refletir um pouco mais sobre isso, porém, não como Jung, a quem muito respeitamos, mas, por um viés mais “mito-filosófico”, que de fato é

nosso campo de estudo. Para isso, nos apoiaremos em dois mitos. Um grego, Rapto de Perséfone, e um lorubá, Oxum. Começamos pelo grego, em um breve resumo:

Demeter, a deusa da Natureza e da agricultura, teve uma única filha com seu irmão Zeus, o Senhor dos céus. Seu nome é Perséfone, mas era conhecida por Coré, que significa a jovem, a menina, ou ainda a filha. Hades, o deus dos mortos e senhor do submundo, apaixonou-se por Coré. Um dia, quando ela colhia flores com as amigas, Hades emergiu da terra, com seus cavalos e carruagem, e a carregou consigo. Demeter, ao ouvir os gritos da filha, fica desesperada e passa a fazer uma busca insana para encontrá-la. Ao ouvir de Hélio, o Sol, o que ocorrera com Coré, ela vai até Zeus e exige dele uma atitude. Zeus, no entanto, apenas diz que nos domínios de Hades ele não pode se intrometer. Demeter passa a vagar pelo mundo a procura de sua filha ou de quem a ajude. Esse caminho é em vão, ela recebeu ajuda somente de Hécate, a senhora das feiticeiras, que a levou até Hélio. Além disso, durante suas andanças desesperadas, ela ainda é violada por Poseidon.

Enquanto isso, Hades fez de Perséfone sua esposa. A jovem não cessa de chorar e deseja voltar para

sua mãe. Como Demeter não encontra sua filha, fica deprimida e deixa de cumprir suas funções de deusa da natureza, então a terra fica cada vez mais fria e para de germinar. Naquele tempo, os homens ainda não conheciam a agricultura, pois, Demeter fazia os alimentos brotarem espontaneamente para alimentar sua Coré. Eles começam a padecer, assim como os animais, de fome e frio. Zeus se vê obrigado a intervir e envia Hermes, seu mensageiro, para trazer a jovem deusa de volta para a mãe.

Hades não se opõe à volta de Perséfone, pois ele já armara um stratagem: oferecera a ela uma romã, a princípio recusada, mas, como a jovem sentia fome, provou de parte da fruta. Assim, quando Hermes chega ao submundo, Perséfone parte feliz com ele - finalmente mãe e filha podem se abraçar. Demeter, então, pergunta à filha se ela comeu alguma coisa durante sua estada nos domínios de Hades, pois quem come a comida do submundo não pode retornar. Assim é revelada a artimanha do deus dos mortos: como Perséfone provou parte da romã, é destinada a passar parte do ano na superfície com sua mãe - a primavera, verão e o outono, e um mês com Hades - o rigoroso inverno, quando Demeter está deprimida pela ausência da filha,

que deve ficar com Hades no reino dos mortos.

Esse mito pode representar, na figura dos deuses Hades, que leva Perséfone à força para viver com ele, e Zeus, figura paterna indiferente, a sujeição à qual a mulheres são submetidas, cotidianamente, pelo patriarcalismo, poder cultural, econômico, político, intelectual, cujas bases de muitas sociedades são construídas, como é o caso da grega. Perséfone, a jovem, sem voz e sem escolha, presa entre as figuras da mãe e do marido, arquétipo da donzela que passa do papel de filha obediente ao de esposa, o que é esperado da maioria das mulheres - que uma jovem se case e se torne dona de casa e mãe exemplar. Quando Perséfone é obrigada a se dividir entre o reino dos mortos e dos vivos, não pedem sua opinião (ao menos isso não fica claro no mito). Porém, ao tronar-se rainha dos mortos, reina em pé de igualdade com Hades, tendo inclusive funções que correspondem somente a ela, como guiar os heróis que por ventura desçam ao submundo. Como no fragmento de Beauvoir, a jovem deusa torna-se uma mulher. Ela nasce Coré, a filha, mas, torna-se Perséfone ao trilhar o seu caminho para ser “a rainha de si mesma”.

O mito nos apresenta ainda Demeter, a mãe que segue uma busca caótica por sua filha desaparecida. Nesse caminho, ela praticamente não recebe ajuda e ainda sofre violência. Somente quando deixa de cumprir suas funções de deusa da natureza e da agricultura e a humanidade começa a padecer, somente quando ela deixa suas atribuições de fazer germinar alimento, beleza e calor, que eram para sua amada filha, mas, que os seres humanos também usufruíam, é que seu trabalho essencial é valorizado, justamente por deixar de ser feito. Aqui podemos ampliar essa visão com o mito lorubá, que guarda algumas semelhanças com esse.

Oxum, deusa do amor, da beleza e também da maternidade para o povo lorubá, ficava sempre com a função dos trabalhos domésticos, como a limpeza e o preparo da comida, enquanto dos demais deuses se reuniam em conselho para resolver os destinos do mundo. Ela nem mesmo era consultada quanto a isso. Um dia ela se cansou dessa situação, e como senhora da maternidade e dos bebezinhos, não permitiu que nada mais nascesse ou germinasse sobre a terra. As mulheres e as fêmeas dos animais passaram por um sofrimento indescritível e os lamentos não tarda-

ram a chegar aos ouvidos dos Orixás. Cientes da injustiça que haviam cometido, convidam Oxum para participar do conselho. Em um primeiro momento, ela manda dizer que não sabe se quer ir. Depois manda um novo recado, dizendo que comparecerá. De fato, após se banhar, perfumar e se adornar com suas jóias, ela o faz. Oxum somente muda de atitude quando os deuses reconhecem que ela não deveria nunca ter sido excluída, e finalmente tudo volta ao seu lugar.

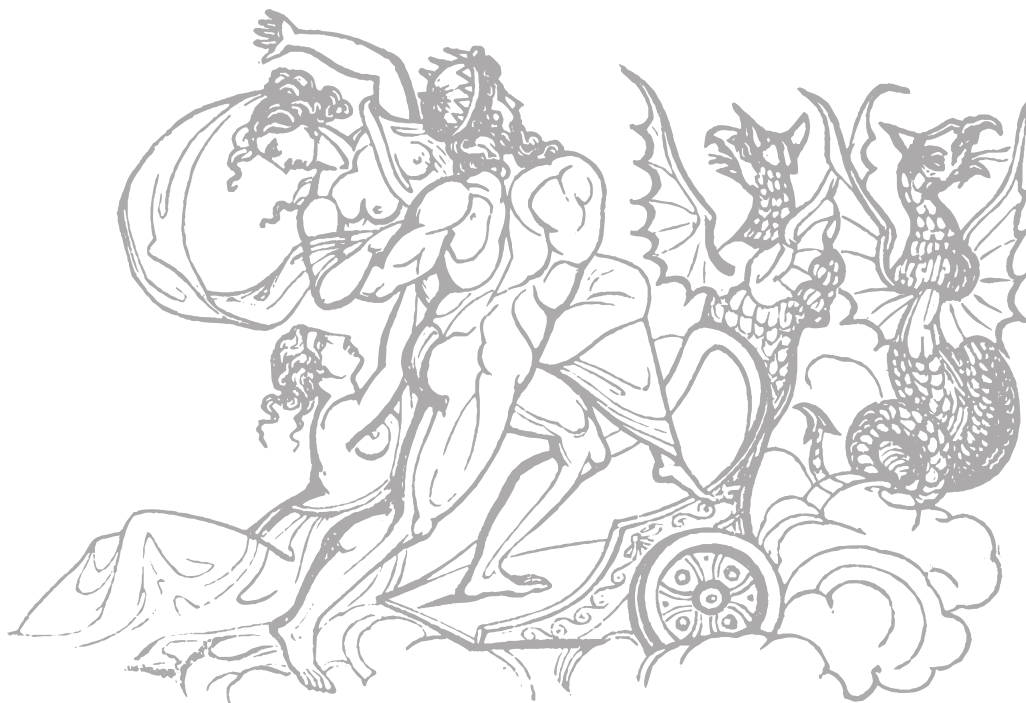
Podemos traçar um paralelo entre ambos os mitos com o trabalho feminino, não apenas o doméstico, mas de forma ampla. Sabemos, no entanto, que cuidados com a limpeza, comida e educação das crianças são tidos como trabalhos femininos. Sabemos também o quanto eles são essenciais e que nem sempre recebem o valor que realmente têm e merecem, até que, por alguma razão, não sejam feitos, como no caso das duas narrativas mitológicas. Vemos aqui uma outra vertente desses mitos do feminino, porque, na verdade, não há trabalhos masculinos ou femininos, mas sim trabalhos, e todos são importantes e necessários para manter a vida e a sociedade, e os trabalhadores que os exercem, independentemente do gênero, devem ter

renumeração e condições dignas. Sabemos também que a profissão por nós escolhida é parte muito importante na construção de nossa identidade e muitas vezes ajuda na compreensão de quem somos de fato.

Retornemos um pouco à reflexão de Simone de Beauvoir: *“Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”*. Podemos acrescentar “ninguém nasce homem, torna-se homem” (uma vez que ambos têm comportamentos padrões a serem aprendidos). Mas, ousemos, por um momento, substituir esse torna-se por descobre-se. Seres humanos que se descobrem como tal, humanos, à medida que vivem e experimentam a vida, e vão aos poucos tornando-se aquilo que são, parafraseando, mais uma vez, o sábio Jung. Nesse caminho vamos identificando o trabalho, as histórias, as narrativas, os mitos, que ajudam a nos compor como sujeitos, numa espécie de mosaico. Talvez a querida Simone também se agradaria com essa pequena transgressão em seu brilhante texto: Ninguém nasce mulher/ homem, descobre-se mulher/ homem, ao descobrir-se humano.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia grega. Vol 1. 25 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos Orixás. 14 reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- VASCONCELOS, José Antônio. Reflexões: filosofia e cotidiano. Ensino Médio. Vol. Único. São Paulo: SM, 2016.



A LEVEZA AÉREA DA MULHER DIVINA

POR GABRIELA SABINA

Escrever sobre a relação entre as Deusas e o Ar é um grande desafio.

Em muitas tradições e mitologias, o ar é, assim como o fogo, um elemento mais associado ao masculino, à ação e ao movimento.

Mas, é óbvio, sempre temos alguns exemplos em que o feminino representa o Ar de forma graciosa (ou tempestuosa).

Quando pensamos arquetipicamente no elemento ar, este é associado ao céu, à fumaça (incenso, por exemplo), a asas (animais alados e penas, e sua leveza, anjos), a sinos (como os sons que o ar faz cantar nos sinos de vento e instrumentos de sopro) e, em algumas, até mesmo ao paraíso ou lugar para onde as almas são levadas após a morte física.

Os gregos atribuíam duas palavras para o elemento ar: *aer* (a atmosfera mais baixa, o que respiramos e nos anima) e *éter*, o céu superior, mais brilhante e destinado aos deuses, ideia que foi mais tarde separada por

Aristóteles. É dito que alguns filósofos pré-socráticos, como Diógenes de Apolônia (final do século V a.C.), associaram o Ar tanto ao pensamento (intelecto) quanto a psiquê (alma).

Em muitas religiões, especialmente as orientais, o ar é considerado o sopro de vida, *prana*, que também é citado na bíblia cristã: “*E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente.*” (Genesis 2:7). Na tradição chinesa, o ar não é um dos cinco elementos básicos da vida, mas crê-se que pode ser, assim como na citação anterior, o Qi (Chi) - a energia vital.

Jung associa o Ar à função pensamento, e a operação alquímica que o representa é a sublimatio, que seria a passagem de uma matéria a seu estado gasoso. É de conhecimento geral que quando se volatiliza algo - quando transformamos a água em vapor ou a madeira, papel, folhas ou

ervas em fumaça, ambos se em vapor ou a madeira, papel, folhas ou ervas em fumaça, ambos se dirigem para cima, em direção ao céu, onde se encontra a cabeça, portanto citarei Deusas que representam ou se manifestam por meio dessas imagens.

O Vento é o ar em movimento.

Lembro tanto dessa frase dos tempos de escola!

Depois, com anos de estudo e pesquisa no campo da mitologia, percebemos que há mais correlações entre ar e vento do que a simples prática científica.

O primeiro exemplo que trago é da deusa grega Eurínome, que organizou o caos primordial dançando. Seus movimentos criaram o vento do Norte (Ophión), que assumiu a forma de uma serpente e com quem ela acasalou para botar o ovo primordial, a origem de tudo, e que lembra a abóboda celeste.

Nas religiões de matriz africana, Oyá é tida como o vento que anuncia a tempestade e tem a função de guiar a alma dos mortos a um dos nove céus. Essa função é atribuída a outras tantas deusas, que também representam o ar, e da qual falarei mais adiante.

Na Rússia, temos a deusa virgem Tamar, que rege o céu, as estações do

ano e o tempo. Ela aprisiona o senhor dos ventos no verão e o deixa trazer a neve no inverno.

No oriente, temos duas deusas relacionadas ao vento. Bixia Yuanjin (China), a soberana das nuvens da alvorada, que tanto rege os nascimentos quanto julga os mortos; e Shina Tsu Hime (Japão), a deusa que dissipa as nuvens na alvorada e retira os terrores da noite, sendo a ela que os marinheiros pedem por brisas suaves. No mito de ambas, as pessoas lançam pipas (papagaios) ao ar com seus pedidos e questionamentos. Elas representam, assim, um dos meios de comunicação entre os Homens e os Deuses.

Os nativos Havaianos têm Ke Anuenue (Mulher Arco-Íris) – também conhecida como Íris para os gregos, que traz mensagens dos deuses para os Homens, através do ar e da luz.

Assim, temos as duas vias de comunicação entre Homens e deuses: as pipas e a fumaça, para nos comunicarmos com os deuses, e os arcos de luz e cor, para trazer mensagens dos deuses para nós. Vale uma ressalva aqui, lembremo-nos que o arco-Íris só aparece depois da tempestade anunciada por Oyá.

O ar como arco celeste.

No mito do ovo primordial de Eurí-

nome, vemos que ele lembra a abóboda celeste, e, portanto, podemos associar o ar como tal. Assim, temos em alguns mitos deusas que a representam de forma belíssima:

Ao contrário dos gregos que viam a terra (Gaia) como o feminino e o céu (Urano) como masculino, os egípcios tinham a deusa Nut, apoiada em seus pés e mãos, que representam os quatro pontos cardeais, e com o corpo coberto de estrelas, representando o arco celeste, e Geb, seu consorte, deitado sob ela, representando a terra.

Na Índia também temos um casal semelhante: Tamra, a protetora dos pássaros e regente da comunicação, representando o céu, e seu consorte, Kashyapa, o deus-tartaruga, representando a terra.

O ar e a função pensamento

Na Psicologia Junguiana o ar está relacionado com a função psicológica do pensamento, ou seja, uma forma mais racional de ver, julgar e compreender o mundo que nos cerca, uma vez que nos permite distanciar-nos do foco central e, portanto, ter uma visão mais ampla.

Se pensarmos em divindades femininas ligadas à função pensamento, a primeira imagem que nos surge é a da deusa Atena (grega),

nascida da cabeça de Zeus, seu pai, e que representa a sabedoria, a estratégia, as artes e a justiça. Tal é sua importância que a ela coube ser defensora da cidade de Atenas.

Temos também, nessa linha de raciocínio, as deusas: Sarasvati (hindu), relacionada à sabedoria, à eloquência, à poesia, à criatividade e às artes; Santa Sofia (hebraica), deusa da sabedoria, mais tarde transformada no Espírito Santo, responsável pela espiritualidade nos humanos.

Aer/ Éter / Alma

Se pensarmos no elemento ar sob a visão do éter, elemento superior, ou alma, como parte mais nobre do ser humano, podemos encontrar algumas deusas bastante importantes no trato das almas:

Freyja, (nórdica), regente do amor, da beleza, da magia e da fertilidade, recolhia, com as Valquírias, de quem era líder, as almas dos guerreiros mortos em batalha e as dividia com Odin - metade seguia com ela para seu salão Fólkvangr, enquanto a outra metade seguia com ele para Valhala.

Holda, (germânica) cavalgava selvagememente pelos campos recolhendo as almas e soprando os restos da antiga colheita, a fim de preparar para o novo plantio. Essas cavalgadas foram

associadas aos ventos frios do inverno, por isso era conhecida também como Senhora Branca. Diz-se que quando chove é Holda lavando suas roupas, e quando neva é ela sacudindo seu travesseiro de penas.

Maat (egípcia) também presidia o julgamento das almas dos humanos, pesando os corações de um lado de sua balança (símbolo do signo de Libra - elemento ar) e tendo uma pluma do outro lado.

Podemos observar que muitas deusas que são responsáveis pela recolha e julgamento das almas também têm relação direta com o nascimento, a beleza e a magia. Isso deve-se ao fato primordial da mulher como a única criatura capaz de gerar a vida e de cuidar dos corpos da maneira correta para que a alma pudesse renascer de forma digna. A mulher deusa já foi vista assim, e com o começo do desenvolvimento da racionalidade (consciência) isso gerou medo, fazendo com que essas mesmas criatura mágicas e donas do destino da vida, passassem a ser associadas ao submundo, ao que deve ser escondido, encoberto, como o lado escuro da vida, ao inferno e ao demônio. Mas, ao recuperarmos a consciência sobre nossa mágica e nosso poder, sabemos bem que man-

temos o segredo da vida longe das vistas dos curiosos, nós reconhecermos nosso poder de mudar destinos, histórias e desfechos, com delicadeza, com palavras doces (ou nem tanto), de maneira quase imperceptível ao frágil ego alheio. É esse nosso caminho, transformadoras silenciosas, “passivas” (ou pelo menos assim somos percebidas), que ainda dominam o andar da carruagem da Vida.

Vale ressaltar que quando falo em Deusas e Mulheres, quero me referir à força feminina, presente em todos os seres vivos e elementos naturais. Basta conhecer, reconhecer, alimentar esse lado nosso, para que ele nos mostre os caminhos, as armas, os métodos, e confiar nessa suposta sutileza.



"A Mulher e o Ar", de Carmelina Piza

REFERÊNCIAS

- BARTLETT, Sarah. A Bíblia da Mitologia. São Paulo: Pensamento, 2011.
- BERNARDO, Patrícia P. A prática da Arteterapia: correlação entre temas e recursos. Volume II. São Paulo: Artepinna editorial, 2013
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. Dicionário dos Símbolos. Lisboa: Teorema, 2001
- FAUR, Mirella. O Anuário da Grande Mãe: guia prático de rituais para celebrar a deusa. São Paulo: Alfabeto, 2015.
- JUNG, Carl Gustav. et al. O Homem e seus símbolos. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2008
- PRIETO, Claudiney. Todas as deusas do mundo: rituais wiccanos para celebrar a Deusa em suas diferentes faces. São Paulo: Ardane Books, 2015.
- SALIS, Viktor D. Mitologia Viva: Aprendendo com os deuses a arte de viver e amar. São Paulo: Nova Alexandria, 2003.



LIVRO: Casamento Celta - A magia por trás da aliança

AUTORA: Bandrui de Gergóvia - <https://sabedoriacelta.com/livros>

POR LARISSA DIAS

Há algum tempo, eu estava em um evento de mitologia celta e nórdica e encontrei a autora deste livro. A capa me chamou atenção, mas como todos conhecem o ditado "nunca julguem um livro pela capa", decidi lê-lo e foi então que a alegria começou!

Quando o abri, imaginava algo completamente diferente: um livro que falasse sobre os mitos do casamento na sociedade celta, mas o que eu recebi ao lê-lo foi algo muito maior: uma profusão de palavras que direcionavam o leitor a acreditar novamente na magia da vida!

Em um mundo como o nosso, cuja maldade humana resolve dar provas diárias de sua existência, este livro, além de ser rico em conhecimento, é um verdadeiro bálsamo!

E, falando em bálsamo, o livro todo é dividido por ervas sagradas da tradição celta: salsa, alecrim, tomilho e sálvia, cada uma delas trazendo um importante ensinamento sobre o amor.



Cada capítulo é um presente, com histórias lindas da mitologia celta, como a dos Cavaleiros da Távola Redonda e outras, mostrando a importância de se acreditar no amor: no amor universal, familiar, no romântico, no amor pelos mitos e pelo conhecimento e muito mais.

Agora, convido vocês a se apaixonarem por esta leitura!



ARTISTA: GRUPO MELISSAS

POR ANA IACI

QUEM SÃO AS MELISSAS?

Segundo a mitologia grega, Melissa foi a mulher que amamentou Zeus com o néctar colhido das flores, quando ele era apenas um bebê. Depois de sua morte, foi transformada na Abelha-rainha como uma forma de gratidão. Também eram conhecidas como Melissas as sacerdotisas que cuidavam dos templos das Deusas Deméter, Ártemis e Afrodite. (Faur, Mirella)

Provavelmente, essas sacerdotisas receberam este nome pela curiosa mania de cantar enquanto trabalhavam. As abelhas nos ensinaram que, ao trabalhar cantando, podemos transformar néctar em mel e desta alquimia obter um elixir curativo e saboroso. Assim, Melissas são as sacerdotisas cantoras. Ao resgatar seus dons criativos, elas compuseram canções devocionais para o Feminino, no arquétipo de diversas Deusas de diferentes tradições, porém todos reflexos sagrados da Grande Mãe.

O grupo Melissas sempre foi algo precioso para mim. Criei este grupo vocal porque me incomodava ver du-



rante os rituais as pessoas tentando cantar em inglês, eu digo tentando, porque nem todo mundo domina a língua, então, enquanto algumas pessoas cantavam, outras ficavam murmurando e outras nem se atreviam. Esse era um momento em que o ritual perdia força, pois as pessoas não estavam conectadas.

VITROLA DE ORFEU



Minha primeira intenção foi criar versões em português das músicas que já existiam, pois se fosse na nossa língua mãe seria muito mais fácil para as pessoas se conectarem. Depois, criar um grupo que sustentasse o canto para as outras pessoas seguirem. Com boas vozes e afinação, mesmo quem só quisesse ouvir estaria dentro da egrégora.

Mas o que foi surpreendente é que as composições começaram a surgir. Minha primeira composição foi para a deusa Sophia, e resolvi ensinar as mulheres a compor de forma lúdica, criativa e intuitiva. Depois de dois anos já tínhamos mais músicas autorais do que versões. Foi aí que veio a ideia de gravar um álbum, como um legado para todos os grupos, todas as pessoas que se conectam com a Deusa.

Foi meu primeiro CD como produtora musical e executiva e como diretora vocal também. E mesmo sabendo que foi muito desafiador e que ele não é perfeito, vendemos mais de 1000 cópias para o Brasil todo, de forma totalmente independente. Eu viajava, ministrava oficinas e vendia os cds, depois as pessoas pediam pelo Facebook e eu colocava mais cds no correio. Fazia rituais e no final vendíamos mais cds. E assim foi.

Não fizemos nenhum show, apenas um ritual de lançamento bem íntimo, e mesmo assim temos mais de 30 mil ouvintes só no Spotify. Mas o projeto não evoluía. Eu, como artista, queria fazer shows, mas as Melissas não estavam preparadas para isso. Todo ano Melissas antigas saiam e novas



entravam. Então eu não tinha uma turma coesa. As vozes que gravaram o CD não ficaram no grupo depois do lançamento. E isso sem ressentimentos, pois são todas mulheres livres, com projetos maravilhosos.

Então, primeiro eu transformei o projeto num grupo de um ano e aceitei que não faríamos shows. Recebia convites de São Paulo e Rio de Janeiro e sempre explicava que não era nossa proposta, pois era uma aula de canto, com processos criativos de composição e meditações vocais. Durante esses 16 anos muitas abelhinhas passaram pela nossa colmeia e foi doce, divertido e muito frutífero. Gravamos um single, o Futhark, cheguei a produzir outras músicas que não foram lançadas, mas sentia que faltava alguma coisa...

Integração

Com a pandemia, eu tive que parar com as aulas em grupo das Melissas. Cantar em grupo usando a tecnologia que tínhamos disponível era impossível. Então resolvi dar uma pausa. Participei de alguns rituais online e sempre as pessoas vinham me relatar como era importante ouvir a música, ouvir a voz, e aquilo me deixava mui-

to feliz. Precisava encontrar um jeito de manter a colmeia viva.

Eu queria muito unir minhas facetas, minhas esquisitices, e mostrar que o que eu faço é único. A artista é o centro, mas a professora e a sacerdotisa fazem parte. Não tem como separar isso mais. Então o que faltava era integrar tudo, e transformar as melissas num trabalho artístico.

Hoje já faz dois anos que as Melissas são um trio vocal formado pelas três vozes que sempre estiveram presentes: Eu, Mônica e Isabel. Uma trindade. Como somos artistas e musicistas, mãe e irmã, gravar e fazer shows é algo tranquilo e divertido. Cantamos juntas há uma vida inteira, então nossas vozes estão mais que entrosadas. Tenho muita gratidão por todas as vozes que já passaram por aqui e continuam fazendo parte da Colmeia (que considero que seria um grupo maior de pessoas que contribuíram para as Melissas em todos esses anos) mas, assim como os ciclos da natureza nos ensinam, a transformação faz parte da vida.

E foi com essa tríade que gravamos nossa nova música, Flâmula, que veio com um videoclipe superpotente! A música é um chamado para a trans-

VITROLA DE ORFEU



formação através do fogo, para que acordemos o nosso espírito. Qualquer pessoa que queira fazer parte dessa Colmeia pode ajudar no financiamento coletivo das novas músicas que estamos preparando e entrar para o nosso grupo de Whatsapp! O Financiamento coletivo dá acesso a recompensas e aos pré-lançamentos do grupo.

Se Melissa era uma ninfa que descobriu e ensinou o uso do mel, então somos aquelas que transformam mel em melodia, para cantar, curar e reverberar. Somos mulheres que cantam, sacerdotisas da Deusa e artistas. Monica Fonseca é minha mãe e também compositora e arranjadora. Isabel Fonseca é minha irmã, terapeuta, cantora e mãe da bebelissa Ágatha, e eu sou Ana Iaci, fundadora do grupo, cantora e artista.

SOCIAL MEDIA

INSTAGRAM

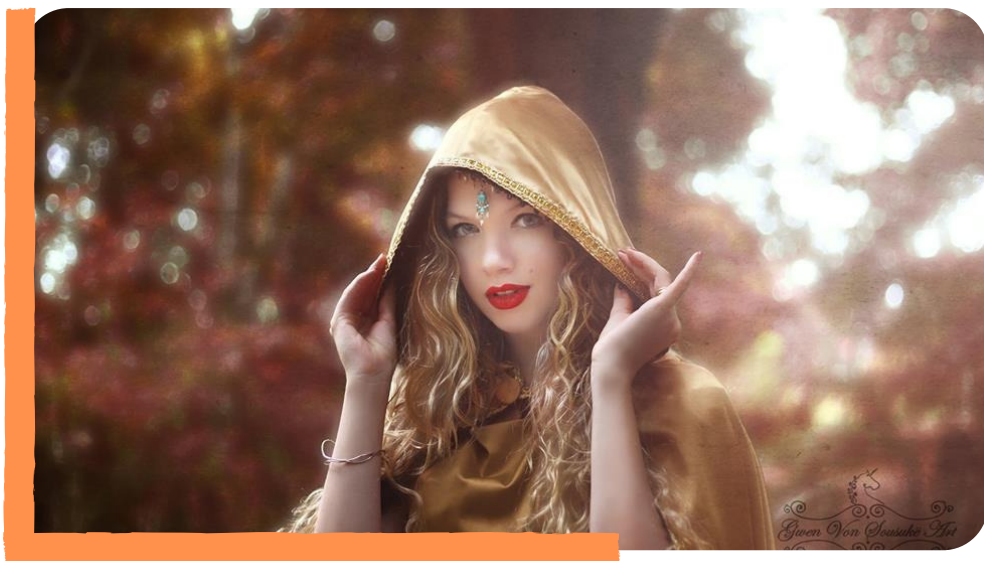
[HTTPS://WWW.INSTAGRAM.COM/GRUPOMELISSAS/](https://www.instagram.com/grupomelissas/)

YOUTUBE

[HTTPS://YOUTU.BE/CDLXR8COTRU](https://youtu.be/cDLXR8COTRU)

APOIA-SE

[WWW.APOIA.SE/LILLYANGEL](http://www.apoia.se/lillyangel)





ARTISTA: MOLOKEN e o lado sombrio da mitologia nórdica

POR LUIS RIBEIRO – HELLYEAH MUSIC

Os pilares da cultura nórdica estão alicerçados essencialmente no conglomerado de crenças, lendas e mitos dos povos escandinavos, que habitavam a região que atualmente compreende os países da Islândia, Suécia, Dinamarca, Noruega e Finlândia, mas que espalhou sua influência cultural por todo o mundo, tornando-se o tema central na criação de roteiros de livros, séries, filmes e músicas. Desta forma, os países nórdicos são amplamente reconhecidos em todo o mundo, dentre tantos outros aspectos, pela riqueza de sua mitologia.

Dentro do Heavy Metal, gênero musical que sempre abordamos nesta coluna, que temos a honra de participar, a influência da mitologia nórdica tornou-se o eixo principal do Viking Metal, e em menor escala nas vertentes do Folk, do Power e do Black Metal. No primeiro, as referências eram bastante diretas e óbvias, nos demais, apareciam de uma forma mais sutil e esporádica, mas sempre com grande reverência.

Nós já abordamos a mitologia nórdica aqui nessas páginas em outras oportunidades, mas hoje ire-



mos observá-la sob uma ótica um tanto quanto obscura e peculiar, inspirados pela música de artistas diretamente inseridos nessa cultura e com uma visão bastante sorumbática de como lidar com os mitos de seus antepassados e até mesmo de trazê-los para um contexto bastante contemporâneo.

Criada em 2007, nas terras gélidas de Umeå, cidade da província histórica de Västerbotten, no norte da Suécia, a Moloken carrega essa cultura intrínseca intimamente em sua obra, em sua identidade e em seu próprio nome, que tem origem numa

VITROLA DE ORFEU



antiga palavra sueca, que representa o sentimento de abatimento e tristeza profunda, emanado por meio da musicalidade e do direcionamento dos temas das canções da banda.

No caso da Moloken, as referências à cultura de seu povo sob esse aspecto mais soturno estão presentes de maneira bastante sutil e subliminar nas letras da banda, como no caso de seu lançamento mais recente, a canção. “21.12.21”, que os próprios compositores explicam:

“Em muitas culturas e religiões, o solstício de inverno está presente em mitos, histórias e vida. Esta música é sobre a escuridão constante que nos cerca durante o inverno no norte, de onde viemos. “21.12.21” é o dia mais escuro do ano”.

Jól, do nórdico antigo Júl, foi a primeira comemoração pagã sazonal celebrada pelas tribos nórdicas, e é até os dias de hoje considerado como sendo o início da roda do ano em inúmeras tradições pagãs. No Neopaganismo moderno, o Jól é celebrado no Solstício de Inverno, por volta do dia 21 de dezembro no hemisfério norte e por volta do dia 21 de junho no hemisfério sul.

Alguns cultos pagãos mais obscuros e uma possível referência ao surgi-

mento dos clãs de deuses nórdicos podem ser observados logo na primeira música do primeiro álbum da banda, “Molten Pantheon”, do debut “Our Astral Circle”, de 2009:

“O ano dos crânios. O ano do arrebatamento. O ano das mudanças. O ano do sacrifício. Queime o que adoramos e adore o que queimamos”.

Observa-se também nessa passagem um certo paradoxo da admiração dos deuses, e até mesmo um ar de contestação, como que um questionamento com um leve sinal de dúvida. O que volta é corroborado com o trecho de “The Titan Above Us”, do álbum “Rural”, de 2011:

“Então encontramos novos ícones para adorar. Encontramos nosso próprio novo covil. Porque aquela luz não era o céu. Era apenas um clarão”

Existem na mitologia nórdica três grandes clãs de divindades: os Æsir, os Vanir e os Elfos. A diferença entre o Æsir e o Vanir é relativa, pois na mitologia diz-se que os dois finalmente viveram em paz após uma guerra prolongada, vencida pelos Æsir. Durante os embates, houve incontáveis trocas de reféns, uniões afetivas e casamentos entre os clãs e períodos onde os dois clãs reinavam conjuntamente, fazendo com que até

VITROLA DE ORFEU



alguns deuses pertençam a ambos os clãs. Alguns estudiosos especulam que esta divisão simboliza a maneira como os deuses das tribos invasoras indo-europeias suplantaram as divindades naturais antigas dos povos aborígenes, embora seja importante notar que esta afirmação é apenas uma conjectura. Outras autoridades consideram a divisão entre Æsir/Vanir simplesmente a expressão dos nórdicos acerca da divisão comum Indo-Européia acerca das divindades, paralela aos deuses Olímpicos e os Titãs da mitologia grega, e algumas partes do Mahabharata.

Na mitologia nórdica, acreditava-se que a terra fora criada a partir de um gigantesco disco liso. Asgard, local onde os deuses habitavam, situava-se no eixo central do disco e somente poderia ser alcançado ao transpor um imenso arco-íris, a ponte de Bifrost. Os gigantes estavam estabelecidos em uma morada equivalente à dos deuses, chamada Jotunheim. Uma ábade colossal no subsolo gelado e sombrio formava o Helheim, eventual moradia da maioria dos mortos e governada pela deusa Hela. Situado

mais ao sul, ficava o reino poderoso de Musphelheim, morada dos gigantes do fogo. Outros reinos adicionais da mitologia nórdica compreendem o Alfheim, repouso dos Ljósálfar, os elfos luminosos; Svartalfheim, casa dos elfos escuros; e Nidavellir, as minas dos anões. Entre Asgard e Niflheim estava Midgard, o mundo dos homens.

Habitantes de Asgard, os deuses são algumas das figuras mais lembradas na mitologia nórdica, dentre os quais aqueles que são mais comumente lembrados são Odin, Thor, Týr, Njord, Freia, Heimdall e Loki. Entretanto, a quantidade de seres e deuses mitológicos nórdicos são quase incontáveis e alguns menos expressivos popularmente também se fazem presente nas lendas e mitos mais obscuros, porém, não esquecidos. Podemos destacar alguns entre eles como Hœnir, irmão de Odin, reconhecido pela sua grande capacidade de tomar decisões; Bragi, filho de Odin, Deus da sabedoria, da poesia e da música; Gullveig, uma deusa bruxa muito gananciosa, que amava o ouro acima de tudo. Ela foi morta três vezes por Odin e três vezes ela ressuscitou. Ela conheceu o fim do mundo com todos os seus horrores;

VITROLA DE ORFEU



Dentre essas passagens mais obscuras e temidas da mitologia, também se destacam algumas criaturas e seres monstruosos, como é o caso de Fenrir.

“Ulv”, que nas línguas nórdicas primordiais quer dizer, lobo, é uma faixa do álbum “Rural”, e faz referência aos nossos lobos internos, traçando um paralelo com os sentimentos e as batalhas de Fenrir, um lobo monstruoso, filho do deus Loki e da gigante Angrboda, destinado a lutar em Ragnarök e matar uma série de deuses, incluindo o deus guerreiro supremo Odin, e ser morto por Vidar, que iria se tornar o novo deus supremo.



Fenrir é a deixa para te convidar a continuar acompanhando nossa coluna, pois ele será o personagem central do nosso texto na próxima edição da revista, quando continuaremos nossa saga pela mitologia nórdica. Convidamos a todos que vieram conosco até aqui a explorar a discografia da Moloken e dividir conosco suas próprias interpretações e impressões acerca da profundidade melancólica das letras da banda, que através da poesia taciturna de suas composições, carrega um pouco da essência de seu povo para os apaixonados por mitologia em todo o mundo. Explorar a mitologia e a cul-



VITROLA DE ORFEU



tura dos povos através de sua arte é como se permitir vivenciar e entender as tradições daquele povo por meio de suas crenças e histórias.

SOCIAL MEDIA

INSTAGRAM

[HTTPS://INSTAGRAM.COM/MOLOKENOFFICIAL?IGSHID=YMMYMTA2M2Y=](https://instagram.com/molokenoofficial?igshid=yummyta2m2y=)

FACEBOOK

[HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/MOLOKENOFFICIAL/](https://www.facebook.com/molokenoofficial/)



HISTÓRIAS DA VÓ TIANA



HISTÓRIA: Roberto do Diabo
CONTADOR: Luiz Júnior

“Ao diabo ofereço tudo o que de mim nascer. Não importa que conceba ou deixe de conceber. Um ente assim como eu não merece nem morrer.”

(Leandro Gomes de Barros – A História de Roberto do Diabo)

Muito presente na Literatura de Cordel, no nordeste do Brasil, o mito de Roberto do Diabo é um exemplo de como mitologias e folclores europeus influenciam diretamente o imaginário popular brasileiro. Mito presente na Europa desde a era Medieval – desde o século X, pelo menos - conta a história de Roberto, nascido de um acordo de uma mãe - que não podia ter filhos - com o próprio Diabo, prometendo-lhe a alma do nascituro. O menino cresceu fazendo diabruras sem fim: com 3 dias já comia carne, com 5 meses já falava e escrevia. Aos sete anos, já arrombava casas e tacava fogo sem se importar se a casa estava habitada ou não. Dizem que 30 homens tentaram prender Roberto ainda criança, mas os que não morreram saíram de perna quebrada.

Um dia, porém, ao sair de uma matança desenfreada em que partici-

pou como um guerreiro sanguinário, Roberto do Diabo ouviu uma voz descer do céu, como em um estrondo. Essa voz dizia que Deus um dia iria fazer com que ele se arrependesse.

Isso o fez temer de tal modo ao Espírito Santo que, a partir de então, Roberto decidiu se arrepender e buscar fazer boas ações para poder se redimir aos olhos de Deus.

Para saber mais:

Alves, Antônio Bárbolo. “Vida de Roberto do Diabo”. Disponível em https://www.memoriamedia.net/bd_docs/teatro/Miranda_do_Douro/Roberto_Interpretativa.pdf

Alves, Januária Cristina. “Abecedário dos Personagens do Folclore Brasileiro”. São Paulo: SESC FTD. 416 páginas.

Barros, Leandro Gomes de. “A História de Roberto do Diabo”. Cordel disponível em <https://cordel.edel.univ-poitiers.fr/viewer/show/97#page/n25/mode/1up>

OS CONTOS DE LUIZ JÚNIOR ESTÃO NA COLETÂNEA CORPO SECO E OUTRAS HISTÓRIAS, DISPONÍVEL EM E-BOOK NA WWW.AMAZON.COM.BR.



SÉRIE DE MANGÁ / ANIME: Cavaleiros dos Zodíacos

Seiya de Pégaso

POR LEO TONDATO

O anime cavaleiros do zodíaco foi um verdadeiro sucesso nos anos 90, transmitido pela extinta rede manchete, até hoje ainda possui reverberações, fascinando gerações com as aventuras da deusa Atena e seus cavaleiros, lutando contra as forças do mal. Tanto o anime quanto o mangá fazem sucesso até os dias atuais e, dada a relevância do anime e mangá e o material escasso sobre análises psicológicas profundas e menos patologizantes sobre animes e, de maneira mais específica, acerca de cavaleiros do zodíaco, dá-se então início a uma extensa série analisando cada personagem que compõem as sagas.

Os cavaleiros de bronze serão ponto inicial das análises, com Seiya de Pégaso.

É o cavaleiro de bronze do século XX, fazendo parte de um dos órfãos que foram acolhidos por Mitsumasa

Kido. Mandado para a Grécia a fim de conquistar a armadura de bronze de Pégaso, é treinado pela amazona Marin de Águia e consegue a armadura, após uma luta com Cassius. Aqui não será contado a história de Seiya enquanto descrição do que ocorre durante as sagas da série, mas sim a maneira com a qual Seiya se desenvolve psicologicamente e a sua personalidade.

O garoto funciona como uma espécie de herói clássico, o que facilita a identificação do personagem para quem o assiste. Seiya é um garoto comum, um órfão entre outros que se torna cavaleiro. A jornada de Seiya remonta muito a jornada do herói, descrita por Joseph Campbell.

Esta é uma jornada da vida, encontrando com seus dragões e musas internos, como perigos e personagens que auxiliam a jornada e a travessia. É importante perceber que a jornada do herói é um monomito, ou seja, uma estrutura para se contar uma história. A jornada do herói passa por algumas etapas e mostra, tal como nos ritos de passa-



gem de muitas sociedades a transformação do personagem, saindo de um paraíso infantil e sendo considerado um homem.

Seiya, no começo de sua trama se mostra mais imaturo, não sabendo, em um episódio de maneira breve, como controlar o seu poder e a sua armadura e, posteriormente, adquirindo mais forças e ganhando outros aliados em sua jornada. O desenvolvimento dos golpes, aumento da força refletem, também o desenvolvimento e amadurecimento do jovem Seiya.

A jornada do herói possui 12 etapas, que serão vistas.

1-O chamado da aventura

A jornada do herói começa no mundo comum. Seiya não desejava se tornar um cavaleiro, não era este o seu foco. Era um órfão que vivia com a sua irmã, que foi separada dele e depois foi mandado à Grécia para se tornar um cavaleiro. Na primeira etapa da jornada do herói, algo acontece que o tira do mundo comum, o destino o chama e o coloca em uma terra desconhecida, que contém os seus desafios.

ambiente físico ao redor.

O garoto cresceu sem ter o aprendizado de como observar a sua mente, criando ficções abstratas, sem cuidado com elas, se tornando um vilão de si mesmo, tal qual em um permanente estado de golpe fantasma. Em uma determinada tarde, resolveu aguardar pelo auxílio do Coiote para ser resgatado das sombras e iniciar uma nova realidade.

No arco da guerra contra os Generais Marinas de Poseidon, os cavaleiros se viram diante de uma ameaça planetária sem precedentes: Poseidon, Deus dos Mares, passou a utilizar o jovem Julian Solo como receptáculo para desenvolvimento do seu plano de dominação, começando a inundar o Planeta, colocando Athena dentro do grande suporte principal, onde a água do planeta ia escoando aos poucos, para ao final morrer, espiando para os indivíduos e a Deusa cumprindo como ensejo narrativo de elevar a humanidade a um novo ciclo.

Desta forma, os cavaleiros foram lutar na Cidade de Poseidon, onde tinham que derrubar os sete pilares que sustentam o grande suporte principal, cada um destes pilares re-



gem de muitas sociedades a transformação do personagem, saindo de um paraíso infantil e sendo considerado um homem.

Seiya, no começo de sua trama se mostra mais imaturo, não sabendo, em um episódio de maneira breve, como controlar o seu poder e a sua armadura e, posteriormente, adquirindo mais forças e ganhando outros aliados em sua jornada. O desenvolvimento dos golpes, aumento da força refletem, também o desenvolvimento e amadurecimento do jovem Seiya.

A jornada do heroi possui 12 etapas, que serão vistas.

1-O chamado da aventura

A jornada do heroi começa no mundo comum. Seiya não desejava se tornar um cavaleiro, não era este o seu foco. Era um órfão que vivia com a sua irmã, que foi separada dele e depois foi mandado à Grécia para se tornar um cavaleiro. Na primeira etapa da jornada do heroi, algo acontece que o tira do mundo comum, o destino o chama e o coloca em uma terra desconhecida, que contém os seus desafios.

2-A recusa do chamado

Aqui, o espectador se identifica com o heroi. O heroi inicialmente recusa o chamado, quem iria para uma aventura simplesmente para se jogar frente a um desconhecido? As obrigações com o mundo comum que o rodeia, medos, inseguranças, são motivos que fazem com que o heroi recuse o chamado inicial.

3-O auxílio sobrenatural

Ao finalmente aceitar o chamado, o heroi recebe um mentor. No caso de Seiya, a sua mentora é a amazona Marin de Águia, que treina o jovem aspirante a cavaleiro. O mentor, ou aquele que auxilia o heroi oferece, geralmente algum instrumento mágico ou possuidor de poderes sagrados, no caso de Seiya, Marin o auxilia a utilizar o seu cosmo e ele, após enfrentar Casius e conseguir a armadura de Pégaso, sendo ela própria o instrumento mágico e, ao mesmo tempo, sagrado.

4-A passagem pelo primeiro limiar

Após conseguir o seu objeto que lhe confere poderes, o heroi deixa o mundo conhecido, para se aventurar. Pode se encontrar com algum guar-



dião de portais ou personagem que delimite as barreiras e fronteiras. Ele ruma para um mundo no qual não sabe ao certo seus contornos. Seiya, após vencer Casius se depara com Shina de Cobra e seus seguidores, que tentam matar Seiya, todavia ele consegue ganhar a batalha, expondo, inclusive, a face da amazona que, sem opção, deve odiá-lo ou amá-lo.

5-O ventre da baleia

O heroi, em tal fase de sua jornada, venceu o primeiro limiar. Tal conquista é importante para o crescimento do protagonista, todavia também deixa uma marca, em uma espécie de morte simbólica. Seiya quase morre ao enfrentar Shina e tal conflito também deixa marcas no protagonista. Aqui, na jornada heroica, deixa-se de se pertencer a um mundo e começa o pertencimento a outro. O heroi se encontra em metamorfose e algo diferente surgirá, ele vai para um lugar desconhecido. Como isso é percebido na jornada de Seiya? Ele também vai para um lugar desconhecido. Por mais que ele retorne para o Japão, há outra atmosfera psíquica.

A metamorfose aqui é justamente a sua transformação de Seiya no cava-

leiro de Pégaso e ele entrará em um mundo novo também, que é anunciado pelo torneio de nome Guerra Galáctica. O universo dos então cavaleiros é ainda desconhecido por Seiya, cabendo então desvelá-lo.

6-O caminho de provas

Um mundo novo se desvela a Seiya, cabe pensar que a sua natureza não é mais a mesma, agora ele é um cavaleiro, um defensor da deusa Atena. Pertencente ao novo mundo, uma série de testes o aguardam, um caminho de provações e cabe pensar que nem sempre o heroi vence tais testes, como por exemplo a luta entre Seiya e Shiryu, que fere de grande forma os dois e sem um vencedor e a batalha com Aioria de Leão, quando a armadura de Sagitário envolve Seiya e não há necessariamente um vencedor da luta. O que é importante de tal fase no desenvolvimento da jornada heroica é que o protagonista consegue passar pelas provações e seguir em sua jornada.

7-O encontro com a Deusa

O personagem aqui recebe as dádivas de sua vitória. No caso do anime, pode-se pensar também no



encontro literal com a deusa, o descobrimento de Saori Kido como a deusa Atena. Aqui, o encontro com a deusa e Campbell o utiliza para falar das deusas que habitam o feminino mostra que o herói pode possuir as bênçãos do amor e caridade, fato que é visto também na série em anime, na revelação de Atena que protege então os cavaleiros e os dá bênçãos, reconhecendo-os como guerreiro protetores da deusa Atena.

8-A mulher como tentação

Outra parte, agora mais polêmica, da jornada do herói mostra a tentação não como a mulher enquanto pessoa, mas enquanto metáfora para as tentações físicas ou materiais da vida. Aqui, cabe lembrar a época em que Campbell viveu (1904 – 1987) e o espírito da época, que denunciava maneiras de pensar e se agir, dentro de um determinado contexto histórico. As tentações aqui representam, ao encontrar inimigos mais fortes e receberem danos por eles, as propostas de deixarem, por exemplo, a armadura de ouro ou os fragmentos pertencentes dela e, assim, terem a sua vida poupada.

9-A sintonia com o pai

Cabe lembrar que não é a sintonia enquanto a imagem do pai real e literal, não necessariamente. O encontro e a sintonia com o pai é com alguém que possui um poder incrível. É comum, neste momento, que o herói se encontre com alguma figura que detém os poderes sobre a vida e a morte. Diversas vezes, durante o anime, percebe-se a influência de Aiolos de Sagitário, guiando os cavaleiros, mostrando a sua história e a sua armadura dourada como símbolo de um enorme poder.

10-A apoteose

O herói chega ao ponto máximo de sua jornada, ele possui um novo conhecimento que é transformador e, agora, poderá lidar com aquilo que é praticamente impossível. Claro que Seiya possui ajuda de seus amigos cavaleiros e tal fato da jornada se percebe muito em uma transição também do anime, da fase Guerra Galáctica para a nova fase que se desvelará ao grupo, o santuário.

11-A bênção última

Após o confronto final (aqui pensado como o final da fase da Guerra Galá-



tica e início da saga do santuário), o herói recebe um elixir, uma bênção, algo que fornece a condição de imortalidade. Pode-se pensar na bênção concedida como o próprio arranjo grupal, agora constituído pelos 5 cavaleiros de bronze, que recebem as suas bênçãos diretamente da deusa Atena.

12-A recusa do retorno

A jornada heroica, após tanta iluminação encontrada em sua nova jornada, o herói pode não querer voltar ao seu mundo normal. Aqui os heróis e o próprio Seiya estão transformados. Agora os 05 jovens são os protetores da deusa Atena e vivem a nova natureza deles. Por mais que fique mais implícita no anime, se observa tal etapa.

13-A fuga mágica

A figura do herói pode aqui querer escapar com a bênção recebida, ou a volta ser tão perigosa quanto a viagem. No anime, a viagem de volta é realizada com sacrifício dos cavaleiros de ouro, como? Doando o sangue para que as novas armaduras fossem forjadas.

14-O resgate com auxílio externo

Ocorre do herói necessitar de ajuda para voltar ao seu mundo comum, pois em sua trajetória ele pode se ferir seriamente. Os heróis retornam para os lugares de origem, ao final da saga santuário.

15-A passagem pelo limiar do retorno

É muito difícil sobreviver ao impacto do mundo comum. Campbell dá algumas “dicas” de como lidar com a questão que é justamente utilizar da experiência vivida e descobrir como compartilhar com os outros. Colocando no contexto de Seiya, eles descobrem o sétimo sentido e lidam com isso, compartilhando da descoberta de um novo poder.

16-Senhor de dois mundos

Aqui o herói equilibra o conhecimento dos mundos pelos quais passou, o novo e o mundo do cotidiano. A ideia de ser senhor dos dois mundos também remete ao mundo externo e interno. O herói incorpora e lida com a nova realidade, internalizando o aprendizado e a sua nova natureza de outro mundo. Seiya é um cavaleiro de Atena que vive para proteger a paz na terra.



17-Liberdade para viver

O final da jornada heroica mostra a liberdade, ou seja, a liberdade vem através da superação do medo da morte, conquista a liberdade de viver. Após a batalha das 12 casas, Seiya não teme a morte, integra a sua nova natureza e segue em sua jornada com seus amigos.

Cabe lembrar que a jornada do herói é cíclica, percebe-se que, na vida, muitas vezes tal ciclo se repete em forma heroica. Agora, sobre a questão da análise da mitologia de Pégaso.

Na mitologia grega, Pégaso era um cavalo alado imortal, um dos dois filhos de Poseidon e Medusa . Junto com seu irmão, o Crisaor de espada dourada , Pégaso surgiu milagrosamente do pescoço de sua mãe grávida depois que Perseu a decapitou. Ele pertenceu ao herói grego Belerofonte por algum tempo, antes de ser colocado no estábulo por Zeus e encarregado de desenhar a carruagem de seus raios.

Hesíodo diz que o nome de Pégaso se origina na palavra grega para molas, *pegae*, já que ele supostamente nasceu perto das nascentes do Oceano. Mas ele também foi associa-

do às águas devido a uma característica extraordinária que herdou de seu pai.

Ou seja, assim como Poseidon, Pegasus era capaz de criar correntes de água onde quer que batesse com o casco. Acredita-se que pelo menos duas fontes famosas na Grécia, ambas chamadas Hippocrene (“Primavera dos Cavalos”), foram emitidas pelo casco de Pégaso. A mais famosa das duas estava localizada no Monte Helicon, a morada sagrada das Musas; suas águas, quando bebidas, entusiasmavam os poetas com inspiração e criatividade.

Por um breve período de tempo, Pégaso pertenceu a um mortal, Belerofonte , o célebre herói e matador de monstros . Notoriamente selvagem e livre, Pégaso foi finalmente domado por um dos maiores heróis gregos , Belerofonte. Mas ele não fez isso sozinho: ele teve muita ajuda de Atena . De acordo com Píndaro, um dos mais célebres poetas gregos antigos, a deusa o presenteou com uma rédea de ouro encantada, que Belerofonte usou para capturar Pégaso quando o garanhão estava bebendo água na nascente de Pierian, outra fonte de água associada a Pégaso e às Musas.



Montando em Pégaso, Belerofonte foi capaz de superar as Amazonas , a Quimera que cospe fogo e a guerreira Solymi. Além disso, Pégaso foi o meio pelo qual Belerofonte se vingou da esposa de Jobates, Stheneboea , que testemunhou falsamente contra Belerofonte depois que ele rejeitou seus avanços. Segundo alguns, depois Belerofonte ofereceu-lhe uma carona em Pégaso, que ela aceitou de bom grado; no entanto, enquanto voavam sobre o mar, o garanhão alado atirou-a para as profundezas.

Mal sabia Belerofonte na época que encontraria um destino semelhante. Após suas inúmeras vitórias contra todos os tipos de adversários, Belerofonte começou a acreditar que os mortais não são dignos de sua presença e que ele merece viver entre os deuses no Monte Olimpo . Então, ele montou em seu cavalo fiel e começou sua jornada fiel para cima. Zeus , irritado com a arrogância de Belerofonte, logo enviou uma mosca que picou Pégaso o suficiente para que o cavalo alado jogou seu cavaleiro no chão e para a morte.

O personagem Seiya é um guerreiro movido por grande senso de justiça e honra, lembrando alguns aspectos do

deus da Guerra da mitologia africana de nome Ogum. Este deus relembra sobre a questão dos guerreiros tribais e possui algumas características interessantes que o aproximam do cavaleiro de Pégaso.

Como um deus guerreiro, Ogum é quem vai na frente de seu povo, desbravando horizontes e abrindo os caminhos para que os outros realizem a atividade civilizatória. É como o grande guerreiro, destemido e arrebatado durante o cotidiano, aquele que possui temperamento teimoso e impulsivo. O cavaleiro de Pégaso também mostra tal impulsividade durante sua jornada, aproximando-o mais ainda da figura de Ogum.

Outro ponto interessante é a questão da amizade e o valor aos juramentos e à palavra. Como todo guerreiro, Ogum preza pela camaradagem, a boa amizade e o companheirismo. Para todo guerreiro, os seus juramentos feitos através da palavra valem muito, a amizade é honrada e respeitada enquanto valor. Seiya e os seus amigos realizam inúmeros juramentos durante o desenho, sempre valorizando a amizade, a lealdade perante Atena e entre eles, sempre destacando a amizade.



Sobre Ogum, cabe também destacar o seu arquétipo. Nas religiões afro-brasileiras existe a palavra arquétipo. Tal palavra se refere a forma como, geralmente, o (a) filho(a) daquele ou daquela orixá tende a agir. Esses padrões são universais e ao mesmo tempo pessoais, ou seja, como é a relação pessoal do filho com a questão arquetípica de Ogum e também há uma coletividade com a experiência de Ogum ou, como em psicologia analítica se diz, há uma faceta pessoal do arquétipo e uma coletiva, aproximando então a noção de arquétipo da psicologia junguiana e a palavra arquétipo para as tradições afro.

É importante trazer a simbologia do arquétipo de Ogum:

Os filhos de Ogum costumam a perdoar as ofensas dos outros. Não são muito exigentes na comida, no vestir, nem tão pouco na moradia, com raras exceções. São amigos camaradas, porém estão sempre envolvidos com demandas. Divertidos, despertam sempre interesse nas mulheres, tem seguidos relacionamentos sexuais, e não se fixam muito a uma só pessoa até realmente encontrarem seu grande amor.

São pessoas determinadas e com vigor e espírito de competição. Mostram-se líderes natos e com coragem para enfrentar qualquer missão, mas são francos e, às vezes, rudes ao impor sua vontade e ideias. Arrependem-se quando veem que erraram, assim, tornam-se abertos a novas ideias e opiniões, desde que sejam coerentes e precisas.

As pessoas de Ogum são práticas e inquietas, nunca "falam por trás" de alguém, não gostam de traição, dissimulação ou injustiça com os mais fracos. Nenhum filho de Ogum nasce equilibrado. Seu temperamento, difícil e rebelde, o torna, desde a infância, quase um desajustado. Entretanto, como não depende de ninguém para vencer suas dificuldades, com o crescimento vai se libertando e acomodando-se às suas necessidades.

Quando os filhos de Ogum conseguem equilibrar seu gênio impulsivo com sua garra, a vida lhe fica bem mais fácil. Se ele conseguisse esperar ao menos 24 hs. para decidir, evitaria muitos revezes, muito embora, por mais incrível que pareça, são calculistas e estrategistas. Contar até 10 antes de deixar ex-



plodir sua zanga, também lhe evitaria muitos remorsos. Seu maior defeito é o gênio impulsivo e sua maior qualidade é que sempre, seja pelo caminho que for, será sempre um Vencedor.

A sua impaciência é marcante. Tem decisões precipitadas. Inicia tudo sem se preocupar como vai terminar e nem quando. Está sempre em busca do considerado o impossível. Ama o desafio. Não recusa luta e quanto maior o obstáculo mais desperta a garra para ultrapassá-lo. Como os soldados que conquistavam cidades e depois a largavam para seguir em novas conquistas, os filhos de Ogum perseguem tenazmente um objetivo: quando o atinge, imediatamente o larga e parte em procura de outro.

É insaciável em suas próprias conquistas. Não admite a injustiça e costuma proteger os mais fracos, assumindo integralmente a situação daquele que quer proteger. Sabe mandar sem nenhum constrangimento e ao mesmo tempo sabe ser mandado, desde que não seja desrespeitado. Adapta-se facilmente em qualquer lugar. Come para viver, não fazendo questão da qualidade ou paladar da comida. Por ser Ogum o

Orixá do Ferro e do Fogo seu filho gosta muito de armas, facas, espadas e das coisas feitas em ferro ou latão. É franco, muitas vezes até com assustadora agressividade. Não faz rodeio para dizer as coisas. Não admite a fraqueza e a falta de garra.

Têm um grave conceito de honra, sendo incapazes de perdoar as ofensas sérias de que são vítimas. São desgarrados materialmente de qualquer coisa, pessoas curiosas e resistentes, tendo grande capacidade de se concentrar num objetivo a ser conquistado, persistentes, extraordinária coragem, franqueza absoluta chegando à arrogância. Quando não estão presos a acessos de raiva, são grandes amigos e companheiros para todas as horas.

Muitos são os aspectos que aproximam Ogum de Seiya, enquanto o princípio do guerreiro. Há formas de como o masculino se desvela e o guerreiro é uma delas sem ser, necessariamente, tóxica. Há um livro interessante que fala sobre o assunto, sobre a perspectiva da psicologia do masculino e do desenvolvimento do masculino, chamado Rei, Guerreiro, Mago, Amante. O tema mítico e arquetípico do guerreiro é recorrente



nas mitologias, sendo atualizado, ao longo dos tempos, através do contexto cultural e momento histórico.

Seiya é um típico exemplo de herói clássico, podendo ser aproximado com a jornada do herói descrita por Campbell, aproximando-a com o orixá Ogum, o grande guerreiro, tal como Seiya, aquele que faz o seu cosmo arder e elevar até transcender a si mesmo.

REFERÊNCIAS

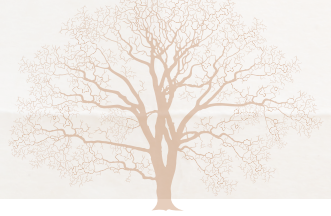
- CAMPBELL, J. O herói de mil faces. Ed. Cultrix, 1997.
- CAMPBELL, J. O poder do mito. Ed. Cultrix, 1997
- MELLO, L.T. O envelhecer: Uma análise junguiana na mitologia africana. Ed. Científica Digital, 2021, SP.
- MOORE, R., GILLETE, D., Rei, guerreiro, mago, amante: A redescoberta dos arquétipos do masculino. Ed. Campus, 1993.
- ZACHARIAS, J.J.M Ori Axé: A dimensão arquetípica dos orixás. Ed. Vetor, 1998, SP.

SITES CONSULTADOS:

- <https://www.greekmythology.com/Myths/Creatures/Pegasus/pegasus.html>
- <http://www.juntosnocandomble.com.br/2012/09/filho-de-ogum-o-que-e-ogum.html#:~:text=S%C3%A3o%20amigos%20camaradas%20por%C3%A9m%20est%C3%A3o,realmente%20encontrarem%20seu%20grande%20amor.&text=o.>

NOTA DA EDITORA:

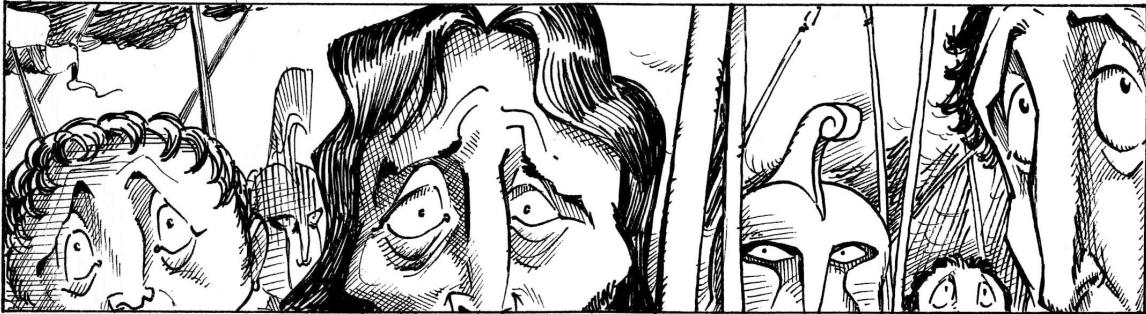
Artigo originalmente publicado no site Minuto Otaku, a quem destinamos agradecimentos especiais:
<https://minutootaku.com/>



O reino de TÂNATO, a Morte



OS EXÉRCITOS ESTÃO PRONTOS. O SILÊNCIO E A ANSIEDADE DOMINAM CADA SEMBLANTE. PERDEU-SE A NOÇÃO DO TEMPO.



UM GRITO E UMA LANÇA DEFINEM O LIMIAR DE UM NOVO ESTADO DE CONSCIÊNCIA. MASSAS DE CORPOS LANÇAM-SE À LUTA COM ARDOR.



NÃO SONHAM MAIS COM UM NOVO AMANHÃ. A MORTE PODE TORNAR TUDO EFÊMERO.



A NONA ÁRVORE

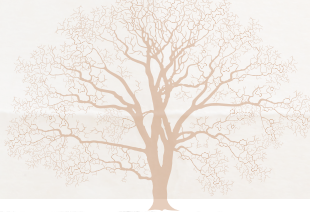


ACIMA DE TODOS, COM LONGAS ASAS E A FOICE COM
A QUAL CORTARA' UMA MECHA DOS CABELOS DOS
QUE ESTIVEREM A MORRER...

TÂNATO!



A NONA ÁRVORE



TÂNATO FAZ PARTE DAS DIVINDADES PRIMORDIAIS. NO PRINCÍPIO ERA O CAOS, DEPOIS SURTIU A TERRA DE LARGOS FLANCOS, BASE SEGURA PARA TUDO.

EROS, O MAIS BELO ENTRE OS DEUSES, CRIOU A MESCLA/FUNDAMENTO DO UNIVERSO: TODAS AS COISAS SE COMPÕEM POR DOIS PRINCÍPIOS EQUILIBRADOS E IGUALADOS = VIDA E MORTE, CHORO E RISO, DIA E NOITE!

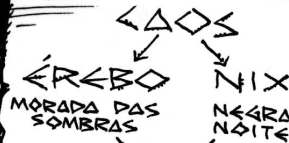
Hesíodo

AUTOR DA "TEOGONIA, A ORIGEM DO MUNDO".

"POIS EROS TAMBÉM DESEQUILIBRA DEUSES E HOMENS, SUBJUGANDO, NO PEITO DE TODOS, O CORAÇÃO E A SÁBIA VONTADE."



ÉREBO E NIX GERARAM FILHOS SOFREDORES E LIBERTÁRIOS. DENTRE ELAS DOIS GÊMEOS: SONO E MORTE!



PERDIÇÃO, IDADE, SONHO, ABNEGASÃO, ALEGRIA, AMIZADE, PIEDADE, MISÉRIA, DISCORDIA, ASSASSINATO, MOIRAS,

HIPNOS, O SONO, E TÂNATO, A MORTE...



AGORA VOLTEMOS AO IMPÉRIO DO MEDO E DA FORÇA BRUTA!



A NONA ÁRVORE



DE REPENTE, ELES APARECEM. O CAMPO DE BATALHA É SEU REINO ANSIADO...



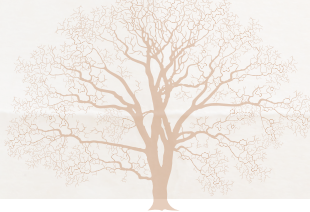
... A LUTA COM SOLDADOS, SEU PRAZER; SANGUE DERRAMADO, SEU TRIUNFO. CHEGAM EM SUAS CARRUAGENS PUXADAS POR FOGOSOS CAVALOS!



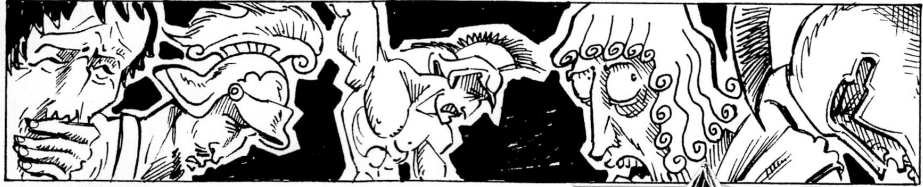
NÃO DEFENDEM UM IDEAL. NÃO TÊM AMIGOS OU INIMIGOS, NEM SÃO PARTIDÁRIOS DA JUSTIÇA. NÃO PROTEGEM O BRAVO, NEM O COVARDE! DESFEREM GOLPES AO ACASO. SÃO QUATRO GIGANTES!



A NONA ÁRVORE



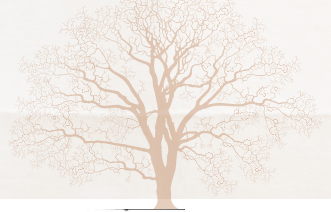
UM CHEIRO AZEDO SE ESPALHA PELA TERRA. ALGUNS GUERREIROS VIRAM SEUS ROSTOS PARA O CHÃO. OUTROS URINAM OU VOMITAM. SEUS ESTÔMAGOS GELAM E EMBRULHAM



OS QUATRO CORREM PELOS CAMPOS DE GUERRA ONDE MORTAIS, HERÓIS OU COVARDES, LUTAM POR SUAS VIDAS DE FORMA DESCOMUNAL!!!



A NONA ÁRVORE



A RES, PHOBOS E DEIMOS SERVEM TÂNATO DE FORMA ABSOLUTA. NUM ESPAÇO EM QUE A NATUREZA SE MOSTRA ENDURECIDA E SILENCIOSA, OS ÚNICOS SONS PROVÊM DOS ABATIDOS E MUTILADOS!



MAS, DOS QUE SÃO RECEBIDOS POR CARONTE, RUMO AO HADES, SÓ O SILENCIO É PERCEBIDO...



CARONTE OS TRANSPORTA EM TROCA DE UM ÓBOL. NADA ALÉM É EXIGIDO. E O SILENCIOSO RIO ESTINGE E SUA ÚNICA TESTEMUNHA!



O REINO DE TÂNATO RECEBE SEUS NOVOS SÚDITOS SEM ALEGRIA OU LAMENTO...



A NONA ÁRVORE



A NATUREZA É TOMADA POR MEDO, DOR E DESTRUIÇÃO, MARCAS INSACIAVEIS DOS DEUSES, OS ROSTOS DOS GUERREIROS QUE AINDA SE MANTÊM DE PÉ, FITAM O VAZIO...

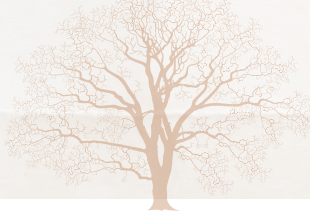


SEUS BRAÇOS CANSADOS E CORPOS ESQUARTEJADOS AINDA TENTAM BRANDIR AS SUAS ESPADAS E EMPUNHAR SUAS LANÇAS...

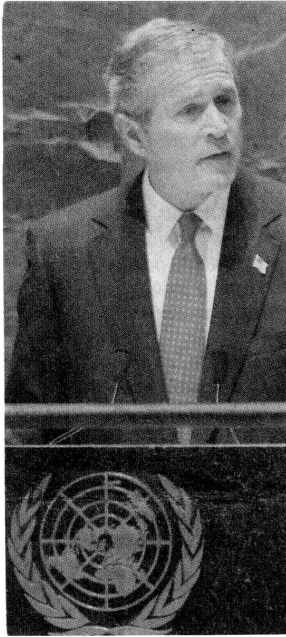
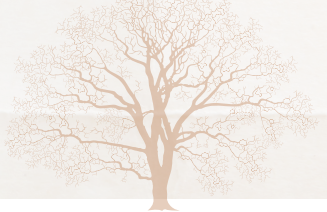
A NONA ÁRVORE



A NONA ÁRVORE



A NONA ÁRVORE



ESCUTA (Ó SOCORRO DOS MORTAIS DE QUEM A JUVENTUDE OBTÉM BRAVURA COMO DOM), LA' DO ALTO, ILUMINA COM FULGOR O CURSO DÁ MINHA EXISTÊNCIA: PRESERVE-ME DA COVARDIA E ALIMENTE EM MINH'ALMA A IMPETUOSIDADE QUE A FAZ PERDER-SE E A PAIXÃO QUE LEVA, AS CONTENDAS CRUEIS, ABRA AS ASAS E SEGURA EM TEUS BRAÇOS...
♪



UM DIA, NOVAMENTE, TUDO SERÁ RECONSTRUÍDO. HOMENS, MULHERES, PLANTAS, FLORES E PAÍSAROS VOLTARÃO A VIVER NA ANTIGA MORADA. ISTO É, ENQUANTO NÃO RETORNAR A MORTE E, COM ELA, A DESTRUIÇÃO, O MEDO, O TERROR... O **FIM**.



BIRA DANTAS - "O REINO DE TÂNATO, A MORTE"



POR BIRA DANTAS

Quadrinhista, ilustrador e chargista paulistano, nascido em 1963, vive em Campinas desde 1988. Desenhista do gibi “Os Trapalhões” (1979), intercalador de desenho animado Estúdio Briquet (1985).

É membro da Associação dos Quadrinhistas e Caricaturistas (AQC-SP), da Academia Brasileira de HQs e da Revista Pirralha.

Participou das revistas Pântano, Tralha, Porrada, Megazine, Bundas, Metal Fantasia, Calafrio, Grifo e dos jornais Retrato do Brasil, Folha da Tarde, Diário do Povo, Pasquim21 e Correio Popular.

Publicou Quadrinhos Literários pela Escala Educacional Memórias de um Sargento de Milícias, D. Quixote e O Ateneu.

Publica charges no Sinergia, Sindipetro SP e Norte Fluminense.

*1998 Prêmio Júri Popular-Internet Salão de Humor UNACON Brasília;

*2000 Menção honrosa em caricatura Salão de Rib. Preto;

*2002 Diploma de mérito "Zumbi dos Palmares" concedido pela Câmara dos Vereadores de Campinas (gibi sobre a vida de Zumbi);

*2003 Prêmio Ângelo Agostini “melhor cartunista”;

*2002 Primeiro lugar em Caricatura no Salão Chipre Ramiz Gökçe;

*2004 Prêmio Ângelo Agostini e menção honrosa em Cartum no Salão de Volta Redonda;

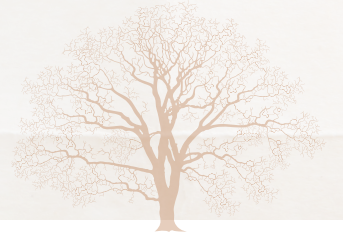
*2005 Palestrante no WCC (World Comics Conference) em Bucheon, Coréia do Sul;

*2007 Prêmio HQmix pela revista coletiva de Quadrinhos Front (Via Lettera);

*2009 Menção honrosa Cartum Redman (China), primeiro lugar em Quadrinhos Curtos na Serbya Cartoon Fest, primeiro lugar em Tiras no Salão de Humor de Paraguaçu Paulista, publicação de HQ na revista Ziniol (Polônia), Prêmio HQmix;

*2011 Festival de Quadrinhos em Angoulême (França) e Bicof (Bucheon Comics Festival);

A NONA ÁRVORE



- *2013 Festival de BD da Argélia;
- *2014 Dirigiu o documentário "Desvendando Angelo Agostini", foi jurado de premiação no Fibda (Argélia) onde organizou a exposição "Quadrinhos, 145 années de BD au Brésil";
- *2015 Recebeu a Comenda de membro da Academia Brasileira das Histórias em Quadrinhos (RJ);
- *2017 Lançou coletânea StripBook do Tatumán (Editora Criativo);
- *2018 Lançou primeiro volume do Sketchbook Custom pela Editora Criativo ;
- *2019 Segundo volume Sketchbook Custom.

BLOG DO AUTOR:

CHARGES DO BIRA

CHARGESBIRA.BLOGSPOT.COM

NOTA DA EDITORA:

Bira generosamente cedeu sua HQ, que vem em um momento propício da nossa história, para mostrar a face de Tânato, o deus da morte, que banha nosso mundo mais uma vez, como já fez em outros momentos da existência humana...

Uma história que vem contar um pouco mais sobre nós mesmos, mas que também fala sobre a esperança nos infinitos ciclos da vida.



**curios,
palestras,
eventos...**

MAI_2022

Formação em Astrologia

Uma formação ética, que te ajudará a auxiliar ao próximo, respeitando as leis cósmicas!

- ✓ Aulas semanais
- ✓ Aulas individuais e personalizadas
- ✓ Aulas online
- ✓ Apostilado e com MUITOS exercícios
- ✓ 3 módulos
- ✓ Módulos de formação extracurricular: Sinastria, Horária, Mundial, Horóscopos
- ✓ Mitologia e Astrologia

Saiba mais com Luiz Junior

WhatsApp **11 98721-9413**



MAI 2022





MAI 2022



**PARANAPIACABA - SANTO ANDRÉ/SP:
14/05/2022**

Festa de lançamento do livro "O Maior Rei Celta" - contação de histórias, música celta, dança bretã e noite de autógrafos do livro.

**RIO DE JANEIRO:
07/05/2022**

- Lançamento do livro "O Maior Rei Celta" no RJ, com:**
- Celebração do Ano Novo Celta (Samhain)
 - Workshop de dança bretã
 - Shows dos artistas Bruno Linhares e Stefano Vieira.
 - Noite de autógrafos do livro "O Maior Rei Celta"

MAI 2022



MAI 2022



CRONOGRAMA CASA DO ESCRITOR – CONVENÇÃO DE BRUXAS E MAGOS DE PARANAPIACABA 2022

SÁBADO – 14/05/22

10:00 às 10:15hs – Abertura

10:15 às 11:00hs – Escritor Braulio Tavares – SETE MONSTROS DO FOLCLORE BRASILEIRO

11:00 às 11:45hs – Escritor Jairo Costa – PARANAPIACABA PHANTÁSTICA: lendas, mistérios e mitos da Vila Inglesa.

11:45 às 13:00hs – intervalo para almoço

13:00 às 13:45hs – Escritora Raphaela Sanches – AS RUNAS DAS BRUXAS: vivência com seus símbolos para o empoderamento pessoal

14:00 às 14:45hs – Escritor Luiz Junior – MITOS, CONTOS E HISTÓRIAS: a Jornada do Herói como espelho da psique

15:00 às 15:45hs – Artista Plástico Fernando Issamo – A Arte na Literatura Esotérica e Fantástica

16:00 às 16:45hs – Artista Plástico Fernando Issamo – O Processo Criativo entre o Artista e o Escritor (com atividade de Arteterapia ao longo da palestra)

17:00 às 17:45hs – Escritora Cecília Toledo F. Leite – A LUA, AS DEUSAS E VOCÊ: A jornada interior para o resgate do Sagrado Feminino

18:00 às 18:45hs – Escritora Lady Mirian Black – OGAM – OS PODEROSOS SÍMBOLOS PERDIDOS DA ATLÂNTIDA: seu resgate e usos mágicos, para autoconhecimento, visão do futuro e curas

18:45hs - Encerramento

MAI 2022



CRONOGRAMA CASA DO ESCRITOR – CONVENÇÃO DE BRUXAS E MAGOS DE PARANAPIACABA 2022

DOMINGO – 15/05/22

10:00 às 10:45hs – Escritor Ricardo Avari – HISTÓRIAS DA PESTE: como a literatura mostra as epidemias e como ajuda a curar as grandes feridas emocionais deixadas na sociedade

11:00 às 11:45hs – Escritora Cigana Saphira – DESTINO E LIVRE-ARBÍTRIO NAS CARTAS CIGANAS: o Baralho Cigano como instrumento capaz de ajudá-la/o a criar um futuro positivo

11:45 às 13:00hs – intervalo para almoço

13:00 às 13:45hs – Escritor Allan Marante – AS PRINCIPAIS FONTES LITERÁRIAS SOBRE A RELIGIÃO NÓRDICA, com direito a leitura pelo escritor de fragmentos em nórdico antigo

14:00 às 14:45hs – Escritora Larissa Dias – MITOLOGIA LITERÁRIA E PROCESSOS DE CURA: como a Mitologia pode ser uma importante ferramenta capaz de auxiliar nos diversos processos humanos, dentre eles desenvolvimento e cura

15:00 às 15:45hs – Escritora Jade Amud - CARTOMANCIA: a importância da prática como desenvolvimento

16:00 às 16:45hs – Mirian Black – ALQUIMIA CELTA: usos mágicos e terapêuticos das ervas e cristais na Magia Celta da Tradição Black

16:45hs – Encerramento

MAI 2022



**ESPAÇO OGMA BOOKS DE ARTE, LITERATURA E CULTURA NA
CONVENÇÃO DE BRUXAS E MAGOS DE PARANAPIACABA 2022 -
VERNISAGE DE OBRAS DO ARTISTA PLÁSTICO E PINTOR FERNANDO
ISSAMO PARA O MUNDO LITERÁRIO**

**Sábado, 14/05/22, das 10:00 às 19:00hs.
Domingo, 15/05/22, das 10:00 às 17:00hs.**

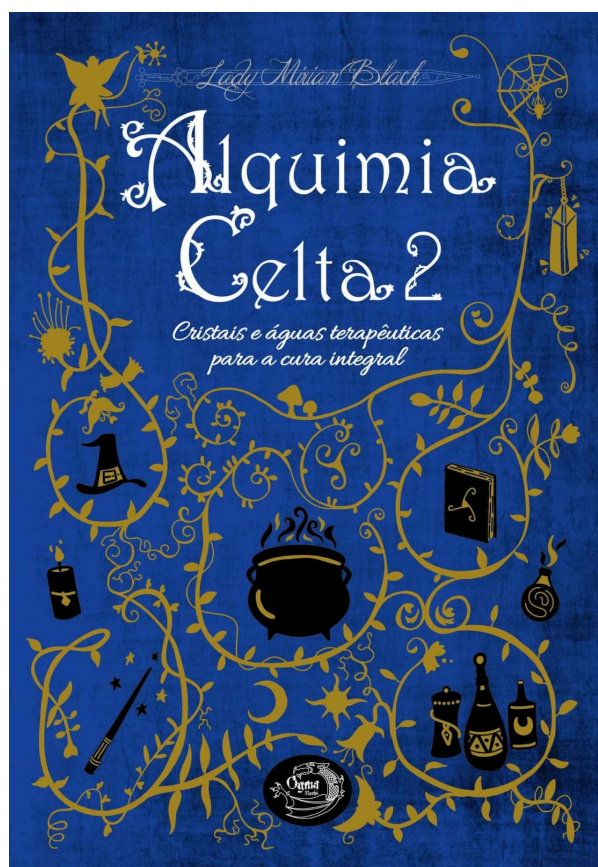
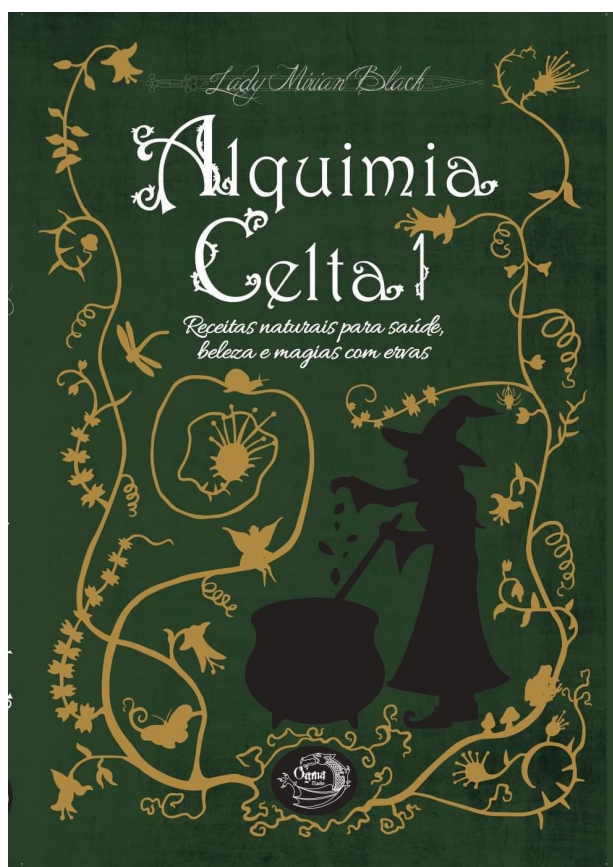
Exposição permanente das obras do artista plástico Fernando Issamo, mostra de pinturas criadas pelo artista voltadas para o mundo literário, as quais integraram diversos livros publicados.

Concomitantemente à Casa do Escritor e à Vernisage, haverá atividade artística: “Primeira Obra Esotérica Coletiva da Convenção de Bruxas e Magos de Paranapiacaba – Espaço Ogma Books de Arte, Literatura e Cultura”.
A proposta é que as pessoas que desejarem, poderão deixar suas “marcas” na tela através de um símbolo, imagem, desenho, etc, menos palavras ou nomes, e posteriormente, a obra ficará exposta durante certo tempo na ABB – Associação Brasileira de Bruxaria.

MAI 2022



CONFIRMAM OS NOVOS LIVROS DA LADY MIRIAN BLACK:



**Bom
Proveito!**

PANTEÃO DE COLABORADORES



LARISSA DIAS

EDITORA, IDEALIZADORA E COLABORADORA DE ARTIGOS



Larissa Dias é uma paulistana apaixonada por mitologia. Psicoterapeuta e Orientadora Profissional, atua com a mitologia em todos os seus processos.

É Socióloga, com formação nas áreas de Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica, Psicoterapia Junguiana e Recursos Humanos.

Atuando por mais de 15 anos no mundo corporativo, descobriu nos atendimentos de psicoterapia e orientação profissional essa nova e incrível vocação. Criadora do método “Jornada Vocacional”, um jogo que atua com a jornada do herói, mitos, e contos para a descoberta da vocação. Também é associada à ABOP (Associação Brasileira de Orientação Profissional) e certificada pela Escola Eneagrama de Khristian Paterhan. Já atuou como professora de Mitologia na Pós-Graduação de Mitologia Criativa e Mitodrama, da UNIP - SP. Autora dos Livros: "O Sopro de Vênus - Contos Eróticos-Mitológicos" e "A Música do Universo - Uma Jornada Mítica, Musical e Psicológica".

www.larissadiaspsi.com.br

larissa@larissadiaspsi.com.br

FÁBIA LUCAS

REVISORA DE TEXTO



Revisora de textos - Conteudista - Professora de Português e Inglês – Licenciada em Letras português-inglês; Especialista em Metodologias do Ensino de Português para Estrangeiros; Concluindo o último semestre de Pedagogia em julho de 2021. Lecionou para turmas do ensino médio de escola estadual em São Paulo; atualmente é professora voluntária de português para estrangeiros na Missão Paz e membro da equipe que elaborou o conteúdo da apostila virtual no ano de 2020, além dos trabalhos com revisão de livros, artigos e textos acadêmicos.

Ainda na infância teve contato com a antiga Coleção Mitologia, publicada pela Editora Abril na década de 1970, cujas histórias despertaram o amor pela leitura. Já adolescente, conheceu os mistérios do Tarot. Além disso, como dançarina encontrou nas danças árabes e ciganas grande amor e motivação para conhecer outras línguas, culturas e religiões, rompendo barreiras de preconceitos e ajudando outros a despertar para as línguas, e, por meio delas, recuperar a liberdade, a dignidade e a autonomia.

Instagram: [@fabia.luca](https://www.instagram.com/fabia.luca)

E-mail: facaroli@yahoo.com.br

Linkedin: <https://www.linkedin.com/in/fábيا-carolina-lucas-3183011a2>

PANTEÃO DE COLABORADORES



LUIS F. RIBEIRO (HELL YEAH)

COLABORADOR MUSICAL



A Hell Yeah Music Company surgiu em 2020 a partir do sonho de dois amigos, Luis Fernando Ribeiro e Leandro Abrantes, que se conheceram há 15 anos por meio do Heavy Metal e tomaram-no como trilha sonora de suas vidas e matéria prima de sua arte. Respeito, valorização, criatividade e amor pelo que fazemos são nossos pilares.

A #HYMC nasceu para quebrar padrões, ignorar estereótipos e dar suporte às bandas brasileiras que compartilham do mesmo sonho que nós. Baseada em Florianópolis, SC, a Hell Yeah atende bandas de todo o Brasil e de Portugal. Hell Yeah Music Company, música como experiência.

Instagram: @hellyeahmusiccompany // LinkedIn: <https://linktr.ee/hellyeahmusiccompany> //(48) 99815-6284

JÉSSICA DIAS - ALPHA CENTAURI

MÍDIAS SOCIAIS



Sócia da empresa Alpha Centauri BI, Tecnologia e Desenvolvimento. Tem como lema a melhoria contínua em todo trabalho que participa, levando sua criatividade e inovação.

É paulista, formada em Gestão Ambiental, com ênfase em licenciamento ambiental e sensoriamento remoto. Apaixonada por Ciências Mortuárias, Natureza, Artes e Música contribui com a edição de artes das mídias sociais.

E-mail: jessica@alphacentauritecnologia.com.br

Site: <https://www.alphacentauritecnologia.com.br/>

ÉRICA DIAS

TRADUTORA, REVISORA DE MÍDIAS SOCIAIS E ADMINISTRADORA DO CANAL DA REVISTA MITOLOGIA ABERTA NO YOUTUBE



Formada em Secretariado Executivo Bilíngue, Érica atua com finanças e recursos humanos há mais de 10 anos, possui certificação de RH Business Partner pela FGV e Pós Graduação de Finanças pela Unisa.

Tradutora e revisora dos textos bilíngues e das mídias sociais.

E-mail: dias.ERICA14@gmail.com

PANTEÃO DE COLABORADORES



LUIZ JÚNIOR COLABORADOR LITERÁRIO



Luiz Junior é formado em Design de Produtos pela Universidade Mackenzie e em Geografia pela Universidade de São Paulo/USP, com extensão em Arqueologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, além de Pós Graduação em Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica pela UNIP/SP e em Gestão Estratégica de Marketing pela FAMART/MG. Atualmente faz MBA em Gestão de Projetos e Metodologia Ágeis pela Exame Academy e estuda Liderança na Fundação Dom Cabral. É estudante de astrologia desde 2010 e astrólogo desde 2012, tendo atendido mais de três centenas de pessoas. Ministra cursos de astrologia on-line. É especialista em previsões e interpretações, e fez sua formação na Escola Gaia de Astrologia, em São Paulo. Faz pesquisas periódicas nos campos de Astrologia e Vibrações e das Qualidades Primordiais da Astrologia. Elabora o horóscopo diário para o Jornal Cotia Agora e para empresas em São Paulo e no Brasil. É escritor, com livros lançados na Europa e no Brasil – são dele os livros "O Templo da Magia", "O Livro de Luaror" e "O Pergaminho de Lemanto", entre outros. Pesquisa e escreve sobre Mitos e Lendas brasileiras, tendo lançado o livro "Corpo Seco e Outras Histórias", disponível na Amazon.

www.oraculosemisterios.com.br // www.escritorluizjunior.com.br // (11) 98721-9413

FAGNER GABRIEL COLABORADOR CINEMATOGRAFICO



Professor, possui Licenciatura plena em Educação Física, Divulgador Científico, Colunista dos sites Minuto Otaku e Cria do Rock, Graduando em Antropologia na Universidade Federal Fluminense, Curador e Idealizador do canal e Projeto Free Art, Especialista em Docência do Ensino Superior pelas Faculdades Cândido Mendes, aluno iniciante do idioma Japonês. Atuação como Tutor, orientador acadêmico, Revisor, transcritor de áudio através de textos. As suas pesquisas estão dentro do recorte da cultura pop e oriental, Animes, séries, perspectivas fílmicas e trazendo o legado da desocidentalização, desenvolvimento e rupturas para as suas aulas e produções, Antropologia Biológica, suas convergências com ciências exatas e humanas

Linktr.ee: <https://linktr.ee/producoesFagnerGabriel>
@producoesFagnerGabriel

Youtube: <https://www.youtube.com/channel/UCD3rmUPYIvPscFAsi1iKsNw>

Instagram: <https://www.instagram.com/projeto.freeart/>

PANTEÃO DE COLABORADORES



ANDREA PRIOR COLABORADORA DE ARTIGOS



Andrea Prior é prof. de danças clássicas indianas (Odissi e Kathak), atriz e diretora. Pesquisa a cultura hindu há mais de 30 anos, e em 2010 lançou seu primeiro livro, *Lendas Indianas – Pequenas Grandes Histórias da Terra Milenar*, ed. Salesiana, voltado para crianças. Especializou-se em Cuidados Integrativos pela Unifesp (onde também é prof. convidada) com a monografia “Dança Teatro Indiana como caminho de Transformação: uma visão integrativa”.

Atende com terapias corporais Ayurvédicas e Acutonics®.

Fundou e coordena o Espaço Rasa espacorasa.art.br, centro para pesquisa e promoção de danças, música e teatro desde seu início em 2002. Atualmente dirige a Cia Rasa no Ramayana em Cena.

Site: <http://www.espacorasa.art.br/> Telefone: 11 - 99919.7311

VITOR FILIPPO DIAS COLABORADOR DE ARTIGOS



Graduado em História pela FMU, e no transcorrer do curso produzi uma iniciação científica com o seguinte tema, “A Influência Cultural Mesopotâmica na Religião Judaico-Cristã”, o trabalho aborda e compara mitos babilônicos e sumérios com passagens bíblicas, principalmente o Pentateuco. A partir desse trabalho desenvolvi grande interesse no estudo voltado para o Oriente Próximo, mais especificamente para a Mesopotâmia Antiga.

Também sou palestrante de mitologia do Instituto de Arteterapia de Guaratinguetá/SP (IAGUA). O principal mister da instituição são Atividades de práticas integrativas e complementares em saúde humana. Na minha pesquisa atual, estou desenvolvendo um estudo de uma suposta ascensão do deus babilônio Marduk ao topo do panteão durante a hegemonia da Segunda Dinastia de Isin, mais notadamente no decorrer do reinado de Nabucodonosor I (1125 – 1104 ac).

e-mail: vtorvfd@outlook.com

PANTEÃO DE COLABORADORES



GABRIELA SABINA
COLABORADORA DE ARTIGOS

Paulista, atualmente morando em Almada (Portugal). Professora de Inglês formada pela Uniban, e de artes pela FAMOSP. Pós graduada em Arte Terapia pela UNESP e Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica pela UNIP.

Desenvolve oficinas de desenvolvimento através da arte e dos mitos, especialmente voltadas para mulheres de todas as idades. É autora do livro **ORÁCULO DA MULHER DEUSA**, que será brevemente lançado no Brasil.

gabisabi@hotmail.com // [@gabi.sabi](https://www.instagram.com/gabi.sabi) // [Oprazerdereclamar.wordpress.com](https://www.oprazerdereclamar.wordpress.com)
Facebook: <https://www.facebook.com/gabriela.sabina>



ADRIANA GONÇALVES DE FREITAS
COLABORADORA DE ARTIGOS

nasceu em São Paulo Zona Leste, é contadora de histórias e Professora de filosofia na rede estadual de São Paulo.

Cientista da Religião pelas Faculdades Integradas Claretiana de São Paulo, licenciada em Filosofia pela UNIFAI - vila Mariana. Pós graduada em Educação pela PUC-SP e em Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia analítica pela UNIP- Vergueiro. Trabalha com Contação de mitos, contos e histórias em suas aulas de filosofia e ama mitologia.

Criadora da página **Café Filosófico**, no Facebook, que aborda a filosofia por meio de contação de histórias e mitos para interessados no tema:

<https://www.facebook.com/groups/265668807998921/abo>

PANTEÃO DE COLABORADORES



PIERO BAGNARIOL COLABORADOR ARTÍSTICO



Piero Bagnariol nasceu na Itália e veio para o Brasil com vinte anos, em 1992. Quadrinista e grafiteiro, é um dos fundadores da revista Grafitti 76% quadrinhos, que edita desde 1995, e autor do álbum Um dia uma morte, com roteiro de Fabiano Barroso, e Guia ilustrado de graffiti e quadrinhos, com outros colaboradores. Em parceria com seu pai, o médico Giuseppe Bagnariol, grande conhecedor d'A Divina Comédia, abraçou o desafio de transpor a obra de Dante Alighieri para os quadrinhos, publicada em 2011 pela coleção Clássicos em HQ. Posteriormente, com Tereza Virgínia Barbosa, lançou-se na tradução por imagens diretamente do grego de obras clássicas, como a Odisseia, de Homero, que saiu mesma coleção. Recentemente, publicou Anos velados, biofantasia em quadrinhos sobre a primeira fase da vida de Helena Petrovna Blavatsky (1831-1891), e prepara para breve a quadrinização da tragédia Orestes, de Eurípedes (408 a.C).

Instagram: @piero3.14

LEONARDO TONDATA COLABORADOR DE ARTIGOS



Psicólogo (UNIP), historiador (UNICSUL), filósofo (UNICSUL), especialista em psicoterapia junguiana (UNIP), especialista em psicanálise dos contos de fada (FACUMINAS), especialista em Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica (FACULESTE), mestre em Gerontologia Social (PUC), doutorando em Ciência da Religião (PUC). Membro do corpo docente e de supervisores do Instituto Olhos da Alma São, membro efetivo da SBEC (Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos), ABREM (Associação Brasileira de Estudos Medievais), membro da Joseph Campbell Foundation e SBGG (Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia e Associação Brasileira de Estudos Africanos (ABEÁfrica), Diretor clínico e de pesquisa da ONG Or Avrohom. Embaixador do site Minuto Otaku.

Contatos: leo_tondato@live.com

Face: Leonardo Tondato

Insta: leo_tondato

Whatsapp (11)94645-5673

PANTEÃO DE COLABORADORES



BIRA DANTAS

COLABORADOR ARTÍSTICO

Quadrinhista, ilustrador e chargista paulistano, nascido em 1963, vive em Campinas desde 1988. Desenhista do gibi “Os Trapalhões” (1979), intercalador de desenho animado Estúdio Briquet (1985).

É membro da Associação dos Quadrinhistas e Caricaturistas (AQC-SP), da Academia Brasileira de HQs e da Revista Pirralha.

Participou das revistas Pântano, Tralha, Porrada, Megazine, Bundas, Metal Fantasia, Calafrio, Grifo e dos jornais Retrato do Brasil, Folha da Tarde, Diário do Povo, Pasquim21 e Correio Popular.

Publicou Quadrinhos Literários pela Escala Educacional Memórias de um Sargento de Milícias, D. Quixote e O Ateneu.

Publica charges no Sinergia, Sindipetro SP e Norte Fluminense.

Blog: CHARGES DO BIRA (chargesbira.blogspot.com)



ANA IACI (LILLY ANGEL / GRUPO MELISSAS)

COLABORADORA MUSICAL

Artista e cantora do Grupo Melissas, atua também em seu projeto solo como Lilly Angel, tendo lançado nos anos de 2019 a 2021 diversas músicas e videoclipes;

Professora de canto e musicista, ama estudar e busca ajudar as pessoas a realizarem seus sonhos musicais!

Sacerdotisa da Deusa, criou o Grupo Melissas há 17 anos; conduz rituais e meditações para a deusa e para mulheres divinas, além de participar de círculos do sagrado feminino.

Insta: [@lillyangelofficial](https://www.instagram.com/lillyangelofficial/) / [@grupomelissas](https://www.instagram.com/grupomelissas/)

Link.tree: [@anaiaciofiaciall](https://www.linktree.com/@anaiaciofiaciall)



AGRADECIMENTOS

Caríssimo Leitor Mitológico,

A gratidão é sempre um ato que vai além do que imaginamos, pois quando agradecemos a alguém, nunca sabemos a extensão da alegria que esse gesto pode causar. Por isso, essa parte da revista é tão especial, pois lembro das inúmeras pessoas apaixonadas por mitologia com quem tenho a imensa honra de conviver.

Agradeço à Andreia, que novamente nos brindou com um artigo incrível sobre a mitologia hindu, falando apaixonadamente sobre um dos mais populares casais mitológicos e sobre os símbolos que eles trazem; agradeço ao Vitor, porque sempre consegue resgatar os conhecimentos tão antigos da Suméria e criar uma verdadeira chuva de palavras sempre ricas e cheias de significado para nós; agradeço também à Gabi, que nos presenteou com mais um artigo sobre mitologia dos quatro elementos, sempre cheia de vigor e alegria em suas palavras sobre as deusas; e agradeço à Adriana, que consegue, por meio dos mitos, transbordar temas tão importantes e profundos da filosofia!

Agradeço ao Luiz Júnior, por trazer sempre histórias maravilhosas brasileiras para as Histórias da Vó Tiana. Agradeço ao Luis, da Hell Yeah, pela incrível resenha nórdica, cuja produtora parece atrair bandas mitológicas extraordinárias! Agradeço ao Fagner, por ser um parceiro empolgado com a revista e por estar conosco na nossa caminhada! Agradeço ao querido parceiro Leo, que nos presenteou com mais um artigo para os Arquivos de Loki e ao site Minuto Okatu, por ceder o artigo do nosso querido Leo para a Mitologia Aberta.

Agradeço à querida Ana Iaci, por apresentar de forma tão linda a história de um dos grupos musicais brasileiros que mais se conectam ao chamado da deusa; e ao Grupo Melissas, essa família linda, que aceitou fazer parte da história da nossa revista, que sempre estará aberta para a mitologia musical.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao querido artista Piero, por aceitar o convite de criar uma capa para a Mitologia Aberta e por ter-se deixado levar pelas tão exigentes musas das artes, que o fizeram criar duas ilustrações tão mágicas onde a dúvida sobre qual das duas belíssimas ilustrações seria a da capa desta edição permeou até os momentos finais. Agradeço particularmente por me dar motivos de me debruçar sobre uma cultura que amo e que tenho sempre prazer em escrever e pelas trocas envoltas de sincronicidades da caminhada!

Agradeço ao querido Bira, que criou especialmente para a nossa edição uma HQ tão coerente, tão linda e tão cheia dos reflexos da atualidade. Não fossem os artistas usarem sua arte para falar contra as injustiças do mundo, com certeza a vida seria bem mais difícil. Gratidão imensa pela sua contribuição e por todo o esforço que fez para que ela pudesse estar nas páginas de Maio!

Agradeço à parceira de jornada mitológica Carmelina, que nos presenteou com mais uma ilustração para a nossa edição e por sempre estar presente conosco, a cada passo!

Nesta edição, deixo um agradecimento especial à querida Fábica Lucas, nossa revisora presente e cuidadosa, que desta vez viajou nas asas velozes de Zéfiro para que a revista ficasse pronta no prazo; agradeço também à maravilhosa Érica Dias, pela revisão e tradução das comunicações das mídias sociais e à incrível Jéssica Dias, pelas nossas belas e criativas artes, que todos podem acompanhar durante o mês no Facebook e no Instagram.

Além disso, preciso fazer um agradecimento especial à Érica Dias e ao Ricardo Bajo, porque as nossas lives estão que estão! Convidamos novamente todos os leitores a acompanharem esse braço de abraços da nossa revista, nosso canal no Youtube!

Até a próxima, pessoal!
Equipe Mitologia Aberta.

Mitologia Aberta

REVISTA DE LIVRES PENSADORES MITOLÓGICOS



Coordenação Editorial

Larissa Dias

ISSN 2764-0299

Equipe Editorial

Editora-chefe: Larissa Dias

Revisão: Fábila Lucas

Projeto Gráfico Original: Karem Dias

Atualizações do projeto gráfico: Larissa Dias e Jéssica Dias

Ilustração da Capa: "Vishnu", Piero Bagnariol

Ilustração da Contracapa: "Hevajra", Piero Bagnariol

Colaborador Literário: Luiz Júnior

Colaborador Musical: Luis F. Ribeiro - Hell Year Music Company

Edição Original: 2022, Maio, World Wild Web

Periodicidade: Bimestral

Colaboram Nesta Edição:

Andreia Prior, Vitor Filippo, Gabriela Sabina, Adriana de Freitas, Leonardo Tondato, Ana Iaci (Melissas), Bira Dantas, Jéssica Dias, Ricardo Bajo e Érica Dias

Editora: Scientia Cultura, Educação e Pesquisa LTDA

Endereço: Rua Professor Campos d'Almeida, 52 - Jardim Rizzo - São Paulo - SP - CEP: 05587-010

Revista Eletrônica de Livre Circulação

Todos os direitos reservados a seus autores ou detentores.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida de nenhuma forma ou por nenhum meio, sem a permissão expressa e por escrito da Revista Eletrônica de Mitologia Aberta.

Distribuído on-line por Revista Eletrônica de Mitologia Aberta

Desejo Indomável

Como corre a gazela
pela sombra dos bosques,
enlouquecida pelo próprio perfume,
assim corro eu, enlouquecido,
nesta noite do coração de maio
aquecida pela brisa do Sul.

Perdi o caminho
e erro ao acaso.
Quero o que não tenho,
e tenho o que não quero.

A imagem do meu próprio desejo
sai do meu coração
e, dançando diante de mim,
cintila uma e outra vez,
subitamente.

Quero agarrá-la, mas escapa-se.
E, já longe, chama-me outra vez
do atalho ...

Quero o que não tenho
e tenho o que não quero.*

*Rabindranath Tagore, em "O Coração da Primavera"

Tradução de Manuel Simões